



PRODUTO 03

PROJETO 914BRZ4019 Unesco Contrato SA-1967/2017

Consultoria Antropológica Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb

Consultor(a): Bruno Ribeiro Marques

[08.06.2018]

Produto 3

A) Informe detalhado das atividades do subprojeto

A.1) Registro na forma de diário simplificado (acompanhado de fotografias e descrição das principais atividades organizadas por data e local de sua realização) 04

A.2) Descrição dos registros documentais realizados e dos acervos constituídos de acordo com as normas do Projeto 35

A.3) Apresentação e discussão das principais dificuldades encontradas durante a consecução das atividades 67

B) Relatório de supervisão das atividades dos bolsistas 70

C) Nota de divulgação do trabalho desenvolvido, de forma resumida, para veiculação interna em meios digitais e boletins do Programa de Documentação 72

Esse diário de campo contempla a descrição detalhada das atividades de documentação cultural durante a estadia da linguista Karolin Obert na comunidade Waruá, da etnia Dâw (Terra indígena Médio Rio Negro I, São Gabriel da Cachoeira, AM), no período entre 13 de novembro de 2017 e 4 de fevereiro de 2018. Esse período de trabalho de campo foi realizado no âmbito do projeto “Caminhos dos Hupd’äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos”, patrocinado e executado pela UNESCO e pelo Museu do Índio. O objetivo central foi realizar um registro cultural e criar condições para processos de salvaguarda dos “modos de fazer caminhos”, “lugares sagrados” e “sítios antigos” do povo Dâw, através do mapeamento, do registro em imagem e texto das caminhadas e de gravações sonoras das narrativas orais e da memória social associados aos caminhos e aos lugares de importância para esses povos. Através desse trabalho, pretende-se a constituição de acervos acessíveis às comunidades parceiras e a produção de mapas em interface com dados de ordem visual, sonora e textual, compondo itens de divulgação e livros-mapa a serem incorporados como material didático pelas comunidades parceiras, contemplando ações de salvaguarda cultural e de proteção territorial.

Durante a reunião de anuência¹, na qual Karolin Obert apresentou o projeto e seus procedimentos, foram decididos os destinos das caminhadas a serem registradas. Foram escolhidos quatro tipos de caminhos diferentes de importância para o povo Dâw: o caminho dos antigos – lugares de antiga moradia (igarapés *Bukaar Pêeg* e *Top Xôoy Dâr*) –; caminhos de caça e pesca (dois caminhos para o igarapé *Inebo*); caminho das roças e, finalmente, os caminhos históricos que abrangem tanto lugares de trabalho, moradia e nascimento da atual geração do povo Dâw ao longo do rio Curicuriari (*Wân Nâax*).

A) Informe detalhado das atividades do subprojeto

A.1) Registro na forma de diário simplificado (acompanhado de fotografias e descrição das principais atividades organizadas por data e local de sua realização)

A.1.1) Reunião de Anuência (15 de novembro de 2017)

Na reunião de anuência com os Dâw (realizada na comunidade Waruá, descrita no Produto 2), a linguista Karolin Obert apresentou o projeto e seus procedimentos. Além disso a comunidade

¹

A descrição da reunião de anuência com os Dâw consta no Produto 2.

discutiu e deliberou a respeito dos caminhos e lugares a serem registrados. Para a realização dos trabalhos, os Dâw colocaram quatro tipos de caminhos de importância para seu povo, os quais contemplam tanto aspectos da memória social como de manejo contemporâneo da floresta: 1) caminhos dos antigos (lugares de habitação ancestral nos igarapés *Bukaar Pêeg* (Port.: árvore grande) e *Top Xôoy Dâr* (Port.: Lugar onde queimava casa); 2) caminhos de caça e pesca (dois caminhos para o igarapé Inebo); 3) caminho das roças (no entorno da comunidade Waruá) e; 4) caminhos históricos que abrangem lugares de trabalho, habitação e nascimento das pessoas das atuais gerações do povo Dâw (ao longo do rio Curicuriari - *Wân Nâax*).

A.1.2) Conversa sobre lugares de importância histórica (22 de novembro de 2017)

Após a reunião de anuência, Karolin Obert deu sequência à sugestão feita por Roberto Sanches, atual líder e também professor Dâw, de ir em busca de histórias e lugares de relevância simbólica e memória social dos anciões Dâw, pois são os que testemunharam este passado recente de habitação ao longo do rio Curicuari, guardando estes conhecimentos. Além disso, com base nesta conversa, foi possível planejar o trajeto e delinear em detalhe a logística necessária para a viagem neste rio (realizada entre 17 de dezembro de 2017 e 2 de janeiro de 2018). Roberto Sanches indicou a sua sogra, dona Celina (sobrenome desconhecido) e Deolinda Fernandes de Souza, que, desde que Karolin Obert começou o trabalho de pesquisa linguística com a etnia Dâw, vem colaborando como consultora com amplo conhecimento sobre o passado de seu povo, sendo uma das principais referências da comunidade.

Karolin Obert convidou as duas senhoras para uma conversa no dia 22 de novembro de 2017, realizada na casa da dona Deolinda, inicialmente as consultando a respeito da concordância com a gravação em áudio e vídeo da ocasião: ambas assentiram.



Foto 1 - Conversa com as anciãs Deolinda e Celina sobre lugares históricos – Casa da senhora Deolinda (Karolin Obert, 22/11/2017, comunidade Waruá)

O rio Curicuriari é um lugar fundamental para os Dâw contemporâneos, tendo sua relevância simbólica delineada em aspectos variados, muitos dos quais vêm tomando destaque ao longo dos últimos anos através de pesquisas linguísticas – dentre essas, a de Karolin Obert, desde 2016 – na medida em que eliciavam relatos biográficos dos anciões, nos quais o Curicuriari e os deslocamentos neste rio são temas recorrentes. Trata-se de um local permeado de sentidos que inspiram um certo cuidado, histórias que carregam peso afetivo, uma vez que foi a paisagem em que transcorreram processos intensamente traumáticos para os Dâw. Aspecto esse que, nas narrativas, é marcado como um lugar de sofrimento e de grandes perdas das mais diversas ordens, às voltas com processos vividos no tempo em que os Dâw eram explorados na extração da piaçava e de cipó. Isso se deu entre as décadas de 1950 e 1980, sendo este tempo referido neste diário como o passado recente do povo Dâw. Ao mesmo tempo, temperando a complexidade simbólica do rio Curicuriari na memória das anciãs Dâw, o lugar é pontuado também como um espaço de importância vital, sendo o local de origem, de nascimento de toda uma geração de anciões vivos atualmente, e que guardam os conhecimentos deste momento de dobra histórica provocada pelos ciclos de extração de matéria-prima da floresta para fins comerciais. A conversa que se seguiu revelou uma diversidade de toponímias e lugares através dos quais as duas anciãs teciam suas histórias de vida, os deslocamentos de suas famílias no espaço e no tempo, de modo que a terra, os trajetos e os pontos no rio Curicuriari fossem delineados como motivos simbólicos fortes na memória social do povo Dâw.

Nesta ocasião, foram mencionados 26 lugares, incluindo nomes de igarapés e cachoeiras, sítios de habitação antiga e locais de extração de matéria-prima a mando de patrões, que serão listados na tabela 1. Essa tabela consiste em três colunas, sendo que a primeira contem o topônimo na língua Dâw e a segunda, o termo de referência em português corrente na região. Cabe notar que os topônimos em língua Dâw contidos nesta tabela se referem a lugares de habitação e trabalho ocupados em tempos relativamente recentes, o que implica que muitos dos nomes desses lugares envolvem empréstimos do português sendo, portanto, adaptações fonéticas à língua Dâw. A terceira coluna descreve em detalhe os elementos geográficos aos quais os topônimos se referem: “rio”, “igarapé”, “serra”, “sítios”, “comunidade” e “colocação”. Lança-se mão do termo “colocação” aqui, incorporando esta categoria frequentemente usada pelos Dâw como referência aos lugares de concentração dos trabalhos de extração de piaçava e cipó, coordenados por patrões brancos, onde, depois da dispersão na floresta em busca da matéria-prima, os trabalhadores retornavam para colocar os feixes coletados. Como veremos na tabela, esses lugares se encontram nos igarapés afluentes do rio Curicuriari, uma vez que os piaçavaís encontram-se no interior da floresta, e não na beira dos grandes rios. Não foi possível o registro preciso da localização desses lugares de colocação dentro dos igarapés, sendo marcados, no decorrer da viagem pelo rio Curicuriari, apenas os pontos em que os igarapés desaguam neste rio.

Nome do lugar em Dâw	Nome em Português	Observação
<i>Wân Nâax</i>	Rio Curicuriari	Principal região de habitação e trabalho do passado recente.
<i>Daad</i>	Rio Marié	Lugar de colocação e de nascimento de gerações passadas.
<i>Yukil</i>	Igarapé Yukira	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Nâax Taax</i>	Igarapé da Anta	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Xajuu</i>	Igarapé Cajú	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Tuwin</i>	Igarapé Tuwin	Lugar de referência espacial como marcador de distâncias e proximidades relativas para localizar demais igarapés do curso do rio Curicuriari com base sobretudo na cachoeira do Tuwin, localizada no rio Curicuriari, nomeada pela foz do igarapé Tuwin.
<i>Lol'</i>	Igarapé Yasi	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Patwa</i>	Igarapé Patawaa	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Yaw</i>	Igarapé Inajá	Igarapé e praia (no rio Cucuriari) que marca a localização de atua sítio da etnia Tukano na foz; Lugar

		de colocação em altura altura desconhecida do igarapé.
<i>Yawarêê</i>	Igarapé Iauaretê	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Bukaar Pêeg</i>	-	Igarapé que desagua provavelmente no Rio Negro; sítio antigo de algumas famílias Dâw.
<i>Mãan</i>	Igarapé Amana [correspondência incerta]	Igarapé com foz no rio Cucuriari e serra; no igarapé há um sítio atual da etnia Tukano; lugar de colocação.
<i>Abiu</i>	Igarapé Abiu	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação perto da cabeceira.
<i>Neb</i>	Igarapé Inebo	Foz no rio Curicuriari; lugar de habitação passada de algumas famílias Dâw com a etnia Tukano; local de arregimentação de trabalhadores da piaçava por parte dos patrões; atual comunidade Inebo (etnia Tukano).
<i>Gal</i>	Igarapé Galo	Foz no rio Curicuriari; lugar de nascimento da anciã Deolinda Fernandes de Sousa.
<i>?</i>	Igarapé Trovão	Foz no rio Curicuriari; sítio antigo.
<i>Guarib</i>	Igarapé Guariba	Foz no rio Curicuriari; lugar de colocação.
<i>Mirapara</i>	Mirapara	No rio Curicuriari; lugar de roça dos Tukano, próximo à comunidade Tumbira (etnia Tukano).
<i>Yalaa</i>	Jará	No rio Curicuriari; sítio atual da etnia Tukano.
<i>Bukuu</i>	Bukuu	No rio Curicuriari; sítio antigo dos Dâw; provavelmente também local de colocação.
<i>Miri Yakanga</i>	Miriakanga	No rio Curicuriari; sítio dos Tukano.
<i>Kôog Xusêe</i>	Cachoeira do Macaco	No rio Marié; lugar de colocação.
<i>Kankão</i>	Kankão	No rio Marié; lugar de colocação.
<i>Kapawari</i>	Kapawari	Cachoeira no rio Curicuriari; saída de um varador para a Serra da Bela Adormecida (em língua Dâw, <i>Balil'</i> ou <i>Liw' Paas</i>); localização exata desconhecida.
<i>Paraná</i>	Paraná	Ilha no rio Curicuriari, em frente à cachoeira Tuwin.
<i>Liw' Paas</i> (na fala das gerações mais novas) / <i>Balil'</i> (na fala das	Bela Adormecida	Serra próxima à margem esquerda do rio Curicuriari e à margem direita do rio Negro; sítio antigo no pé da serra.

gerações velhas	mais		
--------------------	------	--	--

Tabela 1: Lista das topônimos mencionadas durante a conversa com anciãs Dâw (registro em vídeo: daw_20171122_kao. MP4)

Ao observar essa lista de toponímias, podemos reconhecer uma cisão clara entre lugares nos quais os Dâw trabalharam na extração de matéria-prima para fins comerciais na segunda metade do século XX (lugar de colocação) e os lugares de habitação não diretamente relacionados com esta atividade laboral. Os topônimos que designam lugares de trabalho são geralmente formados por empréstimos do português regional, que, por sua vez, tem forte influência do Nheengatú (língua geral), modulados por pequenos ajustes fonéticos da língua Dâw (ex. *Guarib* – Port.: Igarapé Guariba). Já os topônimos dos lugares desvinculados aos lugares de trabalho, tais como o igarapé *Bukaar Pêeg* e *Daad* (rio Marié), considerados lugares de surgimento dos ancestrais dâw, demonstram claramente um nome próprio formado na língua Dâw. É interessante observar que a composição desses topônimos, em língua Dâw, não contém o elemento geográfico ao qual se referem, como seria, por exemplo, no português, *rio* Curicuriari ou *serra* Bela Adormecida. No caso do topônimo *Bukaar Pêeg*, que se refere a um igarapé, referência geográfica de um antigo sítio dos Dâw, não temos nenhum vestígio que se trata de um igarapé, uma vez que, em tradução literal, significa “árvore grande”. Os topônimos emprestados do Nheengatú seguem a mesma lógica. Uma possível explicação é de que, no caso desses empréstimos, todos os nomes dos igarapés eram, sem exceção, lugares de colocação de piaçava. Isto posto, destaca-se que nas narrativas sobre esses lugares, um topônimo como “Inebo” refere-se tanto ao igarapé como ao lugar de colocação.

Estamos diante da composição de uma memória que se baseia no deslocamento espacial ao longo do rio Curicuriari. Isso foi manifestado ao longo de toda a conversa com as anciãs Dâw, na qual mencionaram, de forma recorrente, o nome de um lugar seguido da pontuação de que, nesse local, elas trabalhavam. O trecho abaixo exemplifica essa construção:

“aãr 'wĩinhêe' ãr 'wĩinhêe' xaay rid. mẽenh mẽ' ãr nĩ ta' bug lab nőr. lab nőr ãr nĩ. abug id 'wĩinhêe' dũ' yuum. cinco ano ãr nĩ bug lab nőr. aduy id beey wĩinh beey liiw mĩ'. liiw' liiw' mĩ' id balak. liiw' duy ãr 'wĩinh' yukil yukil. yukiil bug ãr 'wĩinh'. abug id xuu. aduy id xuu nãax taax mĩ' nãax taax mĩ' bii'. aduy ãr 'wĩinh'. nĩ woor top xãaw. raay yalaa, yalaa bug.”

“Eu trabalhei, eu trabalhei no mato. Minha mãe morava lá na boca do Kariwa. Eu morei lá. Aí nós trabalhávamos com cipó também. Cinco anos eu morei aí. Desde lá nos trabalhávamos de novo na boca do Kariwa. No igarapé do Kariwa. No igarapé Kariwa tem nossa barraca. Lá do Kariwa eu fui trabalhar no Yukil. Lá no Yukil eu trabalhei. Aí nós descemos. Desde lá nós descemos no igarapé da anta. O igarapé da anta é pequeno. Desde lá eu trabalhei. Tinha barraca feia do tukano. Aquele sítio Yará, no Yará.” (Conversa, Deolinda, 2017)

Trechos como este revelam como fundamental a ligação lugar - trabalho - moradia, na qual

está implicada o passado traumático que essa geração do povo Dâw viveu nos últimos cinquenta anos.

Uma outra conexão entre lugares e a memória na narrativa das anciãs diz respeito à morte de seus parentes. De modo interessante, elas mencionaram apenas os próprios lugares de nascimento, e não os de outras pessoas. Além disso, referiram-se frequentemente às comunidades e sítios da etnia Tukano ao longo da conversa, que geralmente encontram-se nas entradas dos igarapés mencionados. Aparentemente, esses sítios e comunidades funcionaram, na segunda metade do século XX, como colocação de piaçava e cipó sob julgo dos patrões.

Outro aspecto a ser destacado da narrativa das anciãs, o qual reverberou no decorrer de todas as caminhadas realizadas, é o frequente referenciamento de lugares antigos de habitação com base em pés de árvores frutíferas plantadas pelos antigos e que permanecem na floresta. Dona Deolinda menciona, por exemplo, um pé de pupunha no igarapé *Bukaar Pêeg* onde a família dela habitava. Nas caminhadas de registro, essas referências espaciais foram contempladas e georreferenciadas.

Essa conversa revelou-se um documento indispensável para entender melhor o deslocamento espacial do povo Dâw nos últimos cinquenta anos, na região do rio Curicuriari. A memória relativa a esses lugares é pontuada por termos como “trabalho” (*wĩĩnh*), “sofrimento” (*kâr*), “fome” (*xub*) e “morte” (*kas ãm*), os quais constituem a imagem de uma geração inteira do povo Dâw. Foi perceptível o desejo da parte das senhoras em registrar essas narrativas sobre os lugares, apesar de trazerem à tona memórias traumáticas. A beleza da paisagem, de algumas praias, pedras e cachoeiras, foi aludida pela repetição de adjetivos, pela intensificação da voz rascada, acompanhada de gestos com a palma das mãos expandindo-se, denotando a intensidade da experiência passada nesses lugares.

trovão dôo' raya' taa' amãn, mãn xusee mẽr xusee bũgũ' nĩ paas yẽew pũd nũr nõox dôo' paas yẽew yẽew yẽew yẽew yẽew yẽew bũgũ'. aduuy, amãn duuy raay abũg yẽew dũ' dâw gravay abiu, yẽew, yẽew bũgu'.

Em frente do Trovão é Amana, na cachoeira da Amana... Aí tem só pedra bem bonita no porto pedra bonito, bonito, bonito, bonito, bonito, bonito aí. Depois do Amana aquele também é bonito para o Dâw gravar no Abiu, bonito bonito aí
(Conversa, Deolinda, 2017)

Como última observação, é importante mencionar o grau de detalhamento na localização desses lugares, o que diz respeito ao conhecimento profundo dos caminhos na região do rio Curicuriari. Na narrativa das anciãs, percebe-se como a memória dâw tem uma dimensão eminentemente telúrica: narrar o passado é percorrer lugares, como se desenhassem um mapa com palavras que plasmam, no espaço, tempos e afetos variados. E, como visto na descrição da reunião de anuência (Produto 2) e ao longo de todo este diário, o registro deste mapa mnemônico de seu passado recente parece ser justamente o maior interesse dos Dâw nos trabalhos de documentação cultural e na retomada de lugares e caminhos tradicionais; sempre pontuando o

objetivo de transmiti-lo aos mais jovens da comunidade Waruá, criados nas proximidades do ambiente da cidade de São Gabriel da Cachoeira.

A.1.2) Caminhada para o igarapé *Inebo* – caminho de caça (18 e 19 de novembro de 2017)

A primeira caminhada para registro cultural com o povo Dâw no âmbito do projeto foi realizada no dia 18 de novembro de 2017, aproveitando a ocasião da reconstrução de um tapiri em um acampamento de caça no igarapé *Neb* (regionalmente conhecido como *Inebo*). O registro desse caminho não foi inicialmente planejado pela pesquisadora Karolin Obert, mas a proposta surgiu da parte dos Dâw e se revelou uma boa oportunidade para testar o manuseio do equipamento e a metodologia de trabalho. O grupo foi constituído por Brasilino Mendes (nome na língua Dâw: *Sãw*), Kleber Sanchez (nome na língua Dâw: *liw*), Roberto Sanchez (nome na língua Dâw: *Wijj*) e Edimilson (sem nome em Dâw – etnia: Yuhup) por volta do meio dia. Começamos a caminhada cruzando o campo de futebol da comunidade rumo à clareira que abrigava um tapiri que, a esta altura, estava em condições precárias, chamada *Sit Jê* (Port.: Sítio do José), a cerca de 7km de distância da comunidade. A nomeação deste lugar se dá com base no usufruto costumeiro desta terra, para caça, por parte de José, filho do senhor Jair Araújo, uma importante referência da geração mais velha da comunidade Waruá. Os Dâw tinham como objetivo melhorar as condições deste acampamento de caça, uma vez que a presença de caça nos arredores de Waruá tem gradualmente diminuído devido à pressão excessiva dos caçadores Dâw, Baniwa, Tuyuca e Tukano que vivem em proximidade. Nessa caminhada, Karolin Obert priorizou o registro da transição de paisagem e a marcação de pontos relevantes como, por exemplo, os lugares de descanso e de extração de mel.

Do campo de futebol, o coletivo de caminhantes tomou a direção sudoeste, que passa pelas roças da dona Joaquina, Valdemar, Celina, Ana e Brasilino. Karolin Obert pediu a Brasilino Mendes para que anunciasse as transições de paisagem ao longo do trajeto, o que se revelou uma leve dificuldade no trabalho, uma vez que, ao caminhar na floresta, os Dâw dirigem sua atenção aos sons e rastros que podem indicar a proximidade de caça. Por esse motivo, Karolin Obert decidiu mudar a metodologia, de modo que a própria pesquisadora, ao perceber as mudanças na paisagem (espécies vegetais, solo, densidade da floresta etc.), perguntava quais eram os termos de referência para os Dâw. No decorrer da caminhada, o grupo passou por seis tipos de paisagens: *‘wâa* (cerrado), *kaaw* (roça), *paa* (terra firme/mata virgem), *wâak* (caatinga), *‘waar* (capoeira) e *pooy ked* (caranazal). O exercício realizado, na caminhada para o *Inebo*, de registro fotográfico da

transição de paisagens foi muito útil para o restante dos trabalhos de registro, favorecendo uma marcação mais precisa nas próximas caminhadas. Outra dificuldade na marcação das paisagens foi a de referenciar de forma precisa o início e o fim dos trechos uma vez que a transição implica longos trechos de vegetação mista entre, por exemplo, terra firme e caatinga. Tendo isto em vista, some-se o manejo do aparelho de GPS no ritmo acelerado dos passos dos Dâw na floresta de solo irregular.

Passando as roças, chegaram no igarapé *Buut Nâax* (igarapé Formiga), que é um dos lugares de habitação antiga (aproximadamente 60-80 anos atrás). A informação sobre esse sítio antigo foi dada pelo senhor Oskar durante a caminhada para *Top Xôoy Dâr* (em tradução literal, “Lugar onde se queimava casa”), descrita no tópico “A.1.4) Caminhada para o igarapé *Top Xôoy Dâr* (08 de dezembro de 2017)”. Ao fim da realização de todas as caminhadas deste trabalho de registro, foi possível visualizar a importância desses dois igarapés como pontos de referência na socioespacialidade da comunidade Waruá, sendo medida de distância relativa para descrever a localização de outras toponímias.

Quando completou a segunda hora de caminhada, alcançaram uma clareira usada como local de descanso. Conforme os Dâw, esse lugar marca a metade do caminho. Na marcação georreferenciada, o ponto se localiza no último terço do caminho inteiro. O momento de descanso dura em média entre quinze e vinte minutos, e geralmente consiste na preparação do chibé, que é a mistura de água e farinha de mandioca.

Ao continuar a viagem em direção ao igarapé Inebo, Brasilino e Edimilson contaram que costumam tirar mel nesse trecho do caminho, onde habita uma certa espécie de abelha sem ferrão no caranazal. Logo em seguida, encontramos favas nas raízes de uma árvore que foi aberta pelos Dâw com machado. Brasilino Mendes contou que a denominação dos diferentes tipos de mel se dá através do nome das espécies de abelha. O tipo de mel que extraímos chama-se *rii* correspondente ao nome da abelha.

O próximo ponto em que chegaram foi o *Sítio Jê*, em uma clareira limpa na beira do igarapé Inebo, onde estava a estrutura de tapiri caída, motivo da caminhada. Brasilino buscou uma canoa de pesca escondida em meio à mata e logo partiu para posicionar uma malhadeira no igarapé Inebo, garantindo a alimentação nesse dia. Os demais foram tirar os esteios, as ripas e as linhas, as três estruturas de madeira que servem de sustentação da construção, de modo a engendrar o novo abrigo dos que fossem caçar nos arredores da clareira do sítio.



Foto 1 - Extração de mel em tronco de árvore - Caminho Inebo. (Karolin Obert, 18/11/2017)



Foto 2 - Espremendo mel da fava - Caminho Inebo (Karolin Obert, 18/11/2017)

Esse dia se deu em função deste abrigo, cuja armação foi terminada por volta das 18 horas. O grupo preparou uma traíra (em língua Dâw, *booy*) que Edimilson havia pescado no igarapé Inebo. Nesse momento, Roberto Sanches contou que esse lugar tem importância histórica nos últimos cinquenta anos, no decorrer do ciclo da piaçava. A comunidade do Inebo, onde vivem ainda hoje famílias da etnia Tukano, localizada na foz deste igarapé, portanto, a jusante de *Sítio Jê*, era um dos pontos de concentração a partir dos quais os Dâw eram arregimentados pelos patrões e transportados para o trabalho nos piaçavais. Na região do igarapé Inebo havia, neste tempo, uma pluralidade de locais de habitação e caça das famílias dâw, um desses é justamente o lugar atualmente referido como *Sítio Jê* (acampamento de caça antigo e atual). Essa região é tomada de uma diversidade de varadouros que conectam a comunidade do Inebo com esses sítios antigos no interior da mata, dos quais, apenas o *sítio Jê* permanece como local de manejo contemporâneo. Os caminhos que levavam aos sítios habitados no passado já não são mais perceptíveis aos olhos dos que desconhecem o território, mas aos olhos Dâw esse conjunto de trilhas faz parte da memória e é continuamente acionado para as atividades de caça e pesca em diferentes locais, tais como *Bukaar Pêeg*, *Nâax Pis Çonh* e *Bhut Nâax*.

No dia seguinte (19 de novembro), os Dâw atravessaram o igarapé Inebo na canoa de pesca para caçar e voltaram depois de cerca três horas com dois porcos do mato (em língua Dâw, *tor*). Pensando no retorno à comunidade e no transporte do alimento, deu-se início ao preparo da caça. Isso foi registrado em fotografias por Karolin Obert, requisitada pelo professor Roberto Sanches. Segundo ele, é importante documentar esse processo nesses lugares como o acampamento de caça, pois os jovens atualmente não costumam ingressar na mata, desconhecendo o manejo nesses locais. Roberto acrescentou que o registro fotográfico poderia animá-los em acompanhar as pessoas mais experientes nas saídas para caça, estimulando-os a conhecer os caminhos tradicionais dâw.



Foto 3 - Chegada da caça - Acampamento no igarapé Inebo (Karolin Obert, 19/11/2017)



Foto 4 - Preparação da caça - Acampamento no igarapé Inebo (Karolin Obert , 19/11/2017)

Por volta das 15 horas, o grupo partiu para o trecho de volta para a comunidade Waruá, chegando ao destino final às 17:30. Na comunidade, Karolin Obert mostrou trajeto percorrido na tela do aparelho de GPS para os Dâw, que ficaram surpresos com sua extensão de 7 km, uma vez que, para eles, é considerado um lugar próximo.

A.1.3) Caminhada para o igarapé *Bukaar Pêeg* (25 e 26 de novembro de 2017)

A caminhada para o igarapé *Bukaar Pêeg* foi planejada na reunião de anuência. Os participantes da reunião ressaltaram a importância dessa caminhada, porque trata-se de um lugar onde os pais de muitos Dâw da geração mais velha atualmente viva, nasceram e morreram. Em um cálculo com base nas gerações, estima-se que esse local era habitado há pelo menos cem anos. Outro motivo colocado para a urgência dos trabalhos de registro é a percepção dos Dâw quanto à ameaça das terras ancestrais, devido à ocupação por outras etnias, ressaltando o interesse em abrir roças nesses locais, de modo a atualizar sua presença.

O planejamento da caminhada contemplou três dias de trabalhos, iniciados em 25 de novembro de 2017, com um dia de atraso por conta da forte chuva no dia 24. O grupo foi formado por nove pessoas: Auxiladora Fernandes da Silva (*Kôog*), Roberto Sanches (*Wijj*), Brasilino Mendes (*Sãw*), Ozimar Araujo (*Juj*), Pedro Moraes (*Uç*) e três crianças dâw, Fabrício, Kleber (*Iiw*) e Airton. Segundo os Dâw, existem dois modos de chegar a esse ponto: pelo rio e pela floresta, sendo que a

viagem através do rio é de mais ou menos um dia e, pelo caminho, de quase três dias. Como a comunidade ainda estava envolvida com as atividades escolares, decidiram fazer a viagem pelo rio, garantindo o retorno dos professores Auxiliadora e Roberto a tempo de ministrarem as aulas na segunda-feira (27 de novembro). Além disso, relataram que a trilha que conduz da comunidade Waruá para o igarapé *Bukar Pêeg* encontra-se fechada atualmente. A sua abertura tomaria um tempo excessivo, não disponível no momento. Todavia, os Dâw demonstraram grande interesse em abrir e documentar esse caminho por terra em uma próxima etapa do projeto.

A partida da comunidade ocorreu por volta do meio dia, seguindo pelo rio Negro, descendo em direção sudeste. Depois de cerca duas horas de viagem de canoa, chegaram a uma ilha que os Dâw chamam de *Mit Tun* (ilha do Milton), pois há uma casa antiga do seu Milton (etnia Dâw). Nesse local reside também o senhor Marcos (etnia Tukano), que guiou a canoa dos viajantes até o lago de onde seguiram a pé.

No começo deste trecho, a trilha é bastante clara, passando por muitas roças de famílias dos Tukano e Baniwa que habitam as margens do rio Negro. Passados dez minutos de caminhada, com o caminho gradativamente se fechando, adentraram a terra firme, e Auxiliadora avisou Karolin que nesse ponto começa o território antigo dos Dâw. Segundo ela, essa área foi habitada pelos clãs *Puud* (Cunuri), *Yam X#* (Onça), *Ye' Uy* (Fezes) e *Rêer* (Cobra). Logo foram encontrados vestígios do antigo caminho para a comunidade Waruá, em direção noroeste, bom como um caminho para o igarapé Inebo. Uma vez mais, os Dâw ressaltam a importância de limpeza desses caminhos para facilitar o trânsito entre a comunidade Waruá e as roças novas que pretendiam abrir nos sítios antigos.



Foto 5 - Caminhando em direção ao igarapé Bukaar Pêeg - Caminho para o igarapé Bukaar Pêeg (Karolin Obert, 25/11/2017)



Foto 6 - Árvore *Bukaar Pêeg* com Auxiliadora Fernandes, Fabricio Fernandes, Kleber Sanches, Roberto Sanches Airton Barroso - caminho para igarapé *Bukaar Peêg* (Karolin Obert, 25/11/2017)

Em seguida, passaram por duas árvores de grande porte que, segundo os Dâw, são as referências de nomeação dos igarapés *Bukaar Pêeg* e *Bukaar Pis*: em tradução literal, o termo *bukaar* significa “oco”, *pêeg*, “grande” e *pis*, “pequeno”. Por serem ocas e por conta de seus tamanhos, essas árvores são casas de curupiras (*nũux*).

A beleza do lugar e os aspectos da boa vida que compõem a memória do tempo em que nele viveram foram ressaltados pelos Dâw pela disponibilidade de água branca (*nâax xeew*, em tradução literal “rio areia”, no sentido de rio com fundo arenoso), da profusão de caça e de frutas na mata ao redor. Narraram também que não era um lugar de habitação contínua, pois os curupiras que vivem nas árvores de referência importunavam em demasia.

Pouco depois, chegaram ao igarapé *Bukaar Pêeg*, onde deram início à limpeza do terreno para levantar o tapiri que serviria de abrigo na margem direita do igarapé. No local, atualmente não há clareira aberta, e a referência se deu por meio das árvores frutíferas em seu entorno. O grupo passou a noite contando histórias, aproveitando para caçar um jacaré (*xet*), depois de algumas tentativas, cuja presença, pelos sons de seu movimento na água, foi anunciada logo na chegada. Na manhã seguinte, Brasilino Mendes se disponibilizou para narrar a memória desse lugar, sendo o registro realizado em áudio e vídeo por Karolin Obert e Pedro Moraes. Nesse depoimento, Brasilino salienta a importância de retorno para o local e de documentação das histórias, tendo em vista sua importância na vida dos antigos Dâw e na transmissão para as

gerações mais novas. De modo semelhante à conversa com as senhoras Deolinda e Celina, Brasilino também menciona uma série de espécies de árvores frutíferas como pontos de referência de sítios de habitação antiga.

“id ră’ ẽr nãa’ nã’ id nĩ xot wadâr nĩ xot waar id iip id rân dâr. nãa id ră’ ẽr kuj id pitaa nêe nêr aa’ pitaa id tee pẽn ẽj xâd. rid ray rid nêe nãa kaaw dêlêr rid xâjâa nãa’ sunêd woor xâjâa nã’ sunêed aa’ tẽn id nêe âg nũg id kas ran nêe’. nũk nũk dee’ ray nã’ gã’ çax id kod wadâr kod nĩ du`wadâr ray wed tũm kas wap nĩ mũgũ` wadâr wed tũm ray ray tucumãar ruul kas wapẽn wiim ruul pis tâg kas wapẽn mãw pis tâg nukêed wadâr ră` xâd pay ag rid xaxũũn dõo`tẽn xaxũũn dõo beey nũg wadâr nĩ xot.”

“Nós não vamos deixar o lugar dos velhos, o lugar dos velhos, dos nossos pais. Esse aqui nós não vamos deixar nunca isso. Aqui vai ficar para nossos filhos. Nós vamos fazer roça para eles. Os velhos contaram assim: Essa terra antigamente é o lugar dos velhos. Tem também caroço de todo tipo de frutas. Têm aqui o que os velhos comiam. Tinha também tucumã, cupuaçu, tudo. Bacaba e cupuaçu pequeno, pé de limão que os velhos deixaram antigamente isso que eles estão relembrando o lugar dos velhos.” (depoimento de Brasilino, 2017)

A fala do Brasilino instigou a equipe a ir em busca desse pé de limão mencionado, que, segundo Auxiliadora, foi plantado por sua mãe, uma senhora octagenária. Auxiliadora e Karolin Obert saíram do acampamento em busca dessa árvore. Ao longo do caminho, passaram por vários lugares onde provavelmente havia sítios antigos, identificados pela diversidade de árvores frutíferas. Chegaram em uma curva do igarapé que Auxiliadora identificou como antigo porto dos Dâw e se ofereceu, nessa oportunidade, para gravar um depoimento, gravado em áudio e vídeo, sobre esse lugar. Auxiliadora narra que esse lugar foi habitado pelos pais de Alzira (anciã Dâw, cerca 65 anos) e pelos bisavós de Oskar (cerca 55 anos), entre outros, corroborando a habitação de ao menos cem anos atrás desta região. A busca pelo pé de limão seguiu, tendo como referência as histórias que Auxiliadora escutou ao longo da vida, que localizavam o pé de limão próximo de uma pequena cachoeira. Depois de cerca uma hora, retornaram para o acampamento sem ter encontrado a árvore.

Dois homens, que partiram para a caçaria pouco mais cedo, estavam já de volta carregando três porcos do mato (*tor*) nas costas. Brasilino sugeriu contar um pouco a respeito desse evento de caça, o que foi gravado em áudio e vídeo. Nesse relato, foi contemplado tanto a caça dos porcos como a posterior preparação da carne (retirada do couro, limpeza e corte).



Foto 7 - Preparação de caça (porco do mato), Ozimar Araújo - Beira do igarapé *Bukaar Pêeg* (Karolin Obert, 26/11/1987)

O acampamento foi lentamente desmontado. No meio desse processo, Roberto e Brasilino lembraram-se de um pé de cupuaçu que marca o lugar de um sítio dos antepassados, localizado a cerca de meia hora de distância, a noroeste, de onde estávamos concentrados. Karolin Obert sugeriu marcar o trajeto até esse ponto, uma vez que o grupo expressou o desejo em abrir uma roça nesse lugar no futuro próximo. A tentativa de achar uma trilha que levasse ao pé de cupuaçu, mesmo para os Dâw, acostumados a enxergar vestígios de caminhos onde os olhos não habituados nada veem, foi uma tarefa difícil. Finalmente, a trilha rarefeita foi encontrada, sendo aberta a partir de então até o ponto em que se localiza esse pé de cupuaçu, cujo porte pode confirmar o tempo da habitação ancestral. Da mesma forma ocorrida nas demais chegadas a locais no centro da floresta, os Dâw, imediatamente, começaram a limpar o solo de maneira meticulosa, lançando mão de seus terçados. Uma conversa posterior com o ancião Jair confirmou que esse gesto tem como condição a marcação da presença dâw em regiões específicas, o que diz respeito também à já mencionada preocupação com a ocupação por parte de indígenas de outras etnias. Gravamos um curto depoimento do Brasilino Mendes, no qual ele afirma o desejo de retomar sua habitação, pensando no futuro de seus filhos e netos.

A partida de volta para a comunidade Waruá se deu às 15 horas de 26 de novembro. Chegaram ao porto do lago cansados, dando sequência à viagem com a canoa, subindo o rio Negro. No deslocamento de retorno, os Dâw ressaltaram novamente a importância dessa viagem e que pensam em voltar mais vezes para o *Bukaar Pêeg*, abrindo o varadouro entre a comunidade Waruá e este lugar ancestral em processo de retomada.

Através dessa experiência e dos depoimentos dos anciões, percebe-se claramente a intrínseca relação entre os Dâw e a terra. Nesta relação, destaca-se o fato de a navegação na floresta ser baseada no encontro e reconhecimento de espécies de árvores plantadas pelos seus ancestrais, conectadas a uma rede de caminhos.

A.1.4) Caminhada para o igarapé *Top Xôoy Dâr* (08 de dezembro de 2017)

O topônimo *Top Xôoy Dâr* surgiu durante uma conversa com Oskar sobre “lugares dos antigos”, como os Dâw costumam dizer em português. Segundo Oskar, um ancião respeitado da comunidade, a visita a esse lugar era de fundamental importância. *Top Xôoy Dâr* é um local de habitação antiga da sua família, e o caminho que leva a esse sítio há muito tempo não era percorrido. O topônimo é composto pelo nome *top* (casa), pelo verbo *xôoy* (pôr fogo) e pelo morfema de aspecto pontual *dâr*, podendo ser literalmente traduzido como “lugar onde se queimou casa”. Interessante notar essa lógica de nomeação, marcada por um evento único. Karolin Obert pediu para o ancião Oskar acompanhá-la até esse lugar, de modo a marcar o trajeto e registrar sua história.

Saímos então no dia 08 de dezembro de 2017 às 10 horas de manhã, na companhia de duas de suas filhas, Eliane (20 anos) e Neide (25 anos), que auxiliaram na gravação de áudio e na marcação da transição da paisagem com o aparelho de GPS.

O caminho teve início no cerrado ao lado esquerdo do campo de futebol da comunidade, tomando a direção sudoeste. Os caminhantes cruzaram algumas roças de sítios de outras etnias, um trecho de capoeira e chegaram à terra firme. O grupo, então, chegou a ~~Buu~~ *Nâax* (igarapé Formiga), local de passagem no caminho para o *Sítio Jê* (no igarapé Inebo), descrito anteriormente. Essa região é uma espécie de adensamento de ~~tuuw~~ *nôr* (bocas dos caminhos), nela, portanto, contidos os acessos para uma série de entroncamentos que levam a destinos variados.

Oskar contou que seu falecido tio Pedro habitava e tinha roça nesse lugar. Neide e Eliane relataram que, em sua infância, costumavam brincar e pescar nesse igarapé, mas como a terra no entorno atualmente é habitada por outras etnias – indígenas da etnia Tukano fincaram, inclusive, placas de “propriedade particular” –, os Dâw não frequentam mais como outrora.

Passando esse igarapé, a caminhada seguiu pela travessia de uma densa mata virgem na qual o caminho se fechava gradualmente a cada passo. Oskar pontuou que hoje em dia esse

caminho não é usado, porque, segundo o próprio, ninguém se interessa pelo passado do povo Dâw e também pelo fato da caça estar escassa, devido à ocupação por outras etnias na região.



Foto 8 - Igarapé *Buat Naâx*, seu Oskar - Caminho entre a comunidade Waruá e o igarapé Top Xoôy Dâr (Karolin Obert, 08/12/2017)

Depois de duas horas de caminhada, chegaram a um igarapé pequeno, no qual Oskar apoiou sua espingarda no chão dizendo que haviam chegado no lugar *Top Xôoy Dâr*. À primeira vista, como em tantos outros locais em terra firme, à beira dos igarapés, encontrados ao logo dos caminhos registrados, o sítio tinha a aparência de um espaço intocado no centro da floresta, no qual as referências da habitação antiga eram acessíveis apenas na percepção dâw. Oskar chamou os demais para subir um declive na margem oposta do igarapé, de modo a indicar o lugar onde seu finado tio Emílio vivia. Karolin perguntou como ele reconheceu esse lugar, ao que o ancião respondeu apontando um pé de tucumã, coberto por um grande pé de roxinho (nome científico, *Peltogyne recifencis Ducke*). Seu tio Emílio plantou um pé de tucumã, atualmente de altura impressionante (foto abaixo), há mais de 60 anos. As memórias do ciclo da piaçava também estão presentes. Oskar lembrou-se do consumo excessivo de bebida alcoólica de origem não indígena que ocorria naquele tempo e espaço: “[...] bebiam muito porque o patrão pagava somente em cachaça.”. Nesse contexto, Oskar explicou que o evento do qual a nomeação desse lugar toma como referência evoca o consumo de cachaça. Segundo a história, os Dâw beberam tanto que eles brigaram e queimaram as casas uns dos outros. No decorrer da narrativa, menciona um velho que

morava nesse igarapé, cuja relação de parentesco com os Dâw não ficou clara. Esse velho, de nome *Xôoy* (pôr fogo), não quis compartilhar o igarapé com os Dâw, colocando-se como o dono.

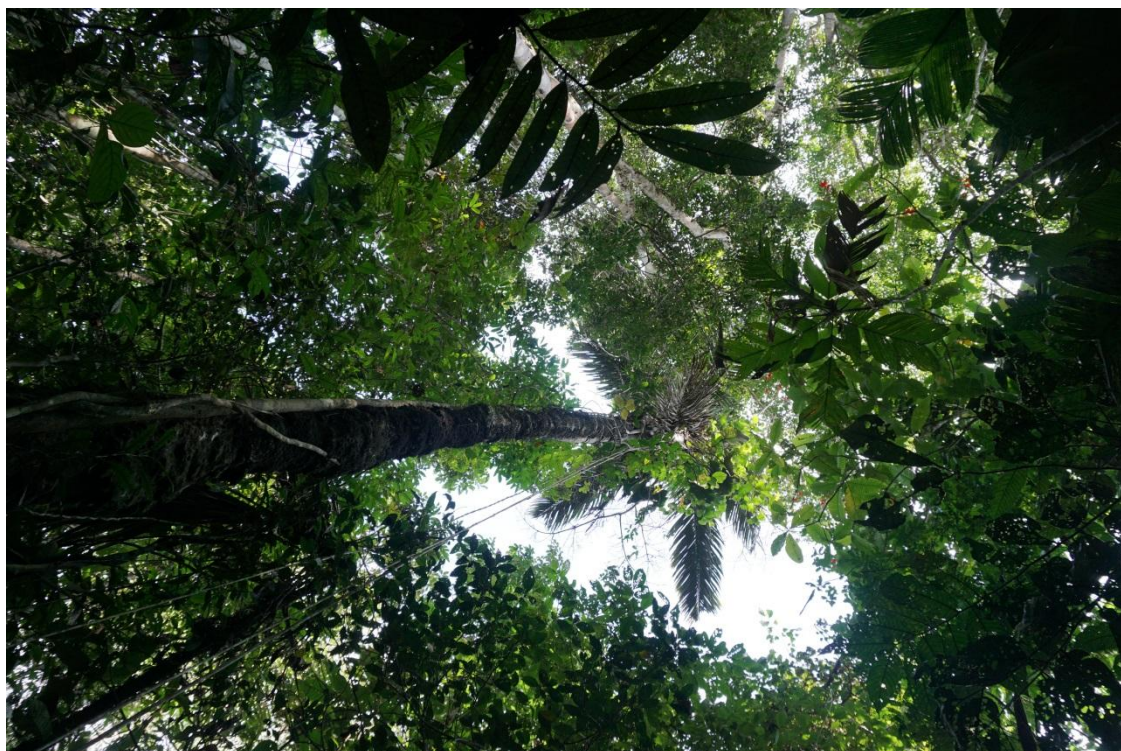


Foto 9 - Pé de tucumã, lugar de antiga habitação - Caminho entre a comunidade Waruá e igarapé *Top Xôoy Dâr* (Karolin Obert, 08/12/2017)

Esse depoimento foi gravado somente áudio com a ajuda das filhas do Oskar, pois o ancião não se sentiu confortável em ser gravado em vídeo. Uma das dificuldades dos trabalhos de registro deste caminho com senhor Oskar foi justamente essa, pois o ancião parecia, em alguma medida, desconfortável diante do registro das histórias em língua Dâw - não obstante o pedido de suas filhas para que o fizesse - que transcorreram neste espaço, tanto que acabou por narrar em um misto de português e língua Dâw. Em um momento do depoimento, afirmou que não seria bom mencionar esse nome na língua. Quando do retorno à comunidade, foi perceptível também o incômodo de outros anciãos em relação às histórias deste lugar.

Voltando para o acampamento, Oskar pediu para que o grupo fosse embora, porque este não era um bom lugar para permanecer muito tempo, sem, entretanto, entrar em detalhes. Na comunidade, Karolin aproveitou o trabalho de transcrição e tradução da narrativa de Oskar, para realizar uma oficina do programa ELAN com suas filhas, Eliane e da Neide.

A.1.5) Viagem ao longo do rio Curicuriari (27 de dezembro de 2017 – 02 de janeiro de 2018)

A viagem ao longo do rio Curicuriari era a expedição principal prevista dentro do projeto. Como descrito na reunião de anuência, a proposta inicial seria percorrer o rio Marié, porém, no decorrer dos dias que se seguiram à reunião, os Dâw decidiram priorizar a viagem pelo rio Curicuriari, pois o rio Marié é um lugar de habitação mais antiga cuja memória dos lugares encontra-se mais dispersa entre os Dâw, tendo como referência apenas duas senhoras nascidas nesse rio ainda vivas, mas de idade bem avançada.

Inicialmente, a saída dessa viagem estava prevista para o final de novembro, o que não foi possível por conta das atividades escolares e comunitárias em geral, tais como encerramento do ano letivo, formatura dos alunos, encaminhamento de dados para matrícula e troca de líder da comunidade Waruá. Equacionar essas ocupações comunitárias com o andamento do trabalho do projeto revelou-se uma das principais dificuldades enfrentadas no período de pesquisa de campo, considerando que seu atraso poderia prejudicar a transcrição e a tradução de narrativas coletadas, última etapa, a ser realizada ao fim das caminhadas e viagens. Depois de uma série de conversas com o professor Roberto, eleito como líder da equipe da viagem, e reuniões pequenas com outras figuras de referência, foi possível estabelecer a partida para o Curicuriari no dia 26 de dezembro de 2017, com retorno, no limite, no dia 2 de janeiro de 2018. A equipe foi formada por seis pessoas, sendo dois responsáveis pelos manejos dos motores, Ozimar Araújo e Brasilino Mendes, dois pesquisadores indígenas, Pedro Moraes e Roberto Sanches, e dois consultores que conhecem os lugares a serem visitados, Jair Araújo (ancião) e a professora Auxiliadora Fernandes.

Karolin Obert aproveitou a semana antes da partida (e antes do Natal) para a preparação da viagem, adquirindo a alimentação para a equipe dos trabalhos de registro e para as famílias dos participantes, combustível, peças adicionais para o motor 5HP (motor rabeta), pilhas, lona, bem como outros itens para a troca com as comunidades de outras etnias ao longo do caminho.

A saída, no dia 26 de dezembro de 2017, teve de ser postergada para o dia seguinte devido à chuva. Na reunião decidiram que fariam a viagem com apenas uma canoa, o que, no momento da partida, ao visualizarem o volume de itens e a quantidade de pessoas não foi possível. O senhor Jair então ofereceu a sua canoa e o seu motor rabeta para dar suporte à viagem. Isso, é claro, se desdobrou na compra de mais combustível e no atraso da partida.



Foto 10 - Preparação das canoas para a viagem - Beira do Rio Negro na comunidade Waruá (Karolin Obert, 27/12/2017)

No dia 27 de novembro, portanto, a partida se deu por volta do meio dia, quando já estava caindo uma leve chuva. Antes de passar pela ilha de Camanaus, uma refeição foi preparada, sendo a segunda parada na praia de Mercês. Às 15hs, a equipe chegou na foz do rio Curicuriari, onde parou na comunidade de São George (etnia Tukano).



Foto 11 - Momento de descanso na praia de Mercês, Kleber Sanchez e Jair Araújo (Karolin Obert, 27/12/2017)

A liderança da comunidade já estava ciente sobre a passagem dos Dâw e os trabalhos do projeto no rio Curicuriari, uma vez que Karolin Obert, antes de partir, havia reforçado junto à FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro) a necessidade de que informassem via radiofonia as comunidades deste rio sobre os trabalhos. Antes da partida, Obert realizou reuniões com o Diretor-Presidente da FOIRN, Marivelton Barroso, e com o Coordenador da CR Funai – São Gabriel da Cachoeira, Domingos Barreto, reforçando o que havia sido conversado com essas lideranças, em um primeiro momento, por Bruno Marques (pesquisador coordenador deste subprojeto) e Túlio Binotti (servidor da Funai e pesquisador parceiro do projeto), como descrito no Produto 2.

Os Dâw consideraram importante fazer paradas em todas as comunidades para apresentar Karolin Obert e justificar a entrada no rio Curicuriari. Há um aspecto das dificuldades de condução dos trabalhos que deve ser ressaltado neste ponto: os Dâw pediram para a pesquisadora não mencionar para as lideranças comunidades de outras etnias a marcação com equipamento GPS dos caminhos e lugares que seriam percorridos no rio Curicuriari. Isso faz parte de um contexto cuja complexidade será apresentada no item **“A.3) Apresentação e discussão das principais dificuldades encontradas durante a consecução das atividades” deste Produto, pois tomaria um espaço excessivo da narrativa da viagem.**

Após uma curta conversa com um dos representantes da comunidade São Jorge, a viagem teve sequência. Na canoa, Karolin sentou ao lado do principal consultor, seu Jair Araújo, e explicou a metodologia de trabalho dos próximos dias, provocada por sua pergunta: “O que você quer que eu faça?”. Foi explicado que a ideia central dessa viagem é o registro dos lugares ao longo desse rio que fazem parte de sua memória e que ele considera importante de repassar para seus filhos, netos e para a próxima geração dos Dâw. Ato contínuo, Jair apontou a margem esquerda do rio, indicando que daquele ponto parte um caminho que conduz direto à comunidade Waruá em quatro dias de caminhada. O igarapé *Dôob Xaa*, na margem direita, cuja nascente está localizada no pé da Serra Bela Adormecida, também foi referido. A tradução literal desse topônimo é, provavelmente, algo como “lugar onde o porto está sentado (localizado)”: o nome *dôob* significa “porto” (lugar de acesso ao rio geralmente através de um barranco) e o verbo *xaa* (estar sentado) tem extensão semântica que abrange a noção de “estar localizado”. Jair ainda apontou o igarapé Arabo, onde havia um lugar de colocação do patrão Borges – Jair rememorou que seu pai, bem como, em um momento posterior, Deolinda, Marina, Oskar e Valdemar, trabalharam nesse lugar.

Por volta das 18 horas, as canoas chegaram ao *Sit Suaçu* (sítio em que há grande estrutura com cobertura de caranã que serve de abrigo para indígenas da etnia Tukano em seu deslocamento pelo rio), localizado próximo à foz do igarapé Suaçu, na margem esquerda do Curicuriari. Até esse momento, a equipe havia marcado um total de oito pontos com o equipamento GPS, incluindo lugares de colocação, ilhas e bocas de igarapé. Na manhã seguinte, Jair sugeriu recapitular o caminho percorrido no dia anterior, além de adiantar os lugares pelos

quais os Dâw e a pesquisadora passariam no dia que se iniciava. Em meio à narrativa do deslocamento no espaço, Jair contou sua história pessoal distribuída na linha do rio Curicuriari, marcada pela memória de trabalho na piaçava, pela escassez alimentar daquele tempo e pelo sofrimento.

Antes de continuar a viagem no dia 28 de dezembro, foram levantados toldos para cobrir as canoas, de modo a proteger os viajantes das chuvas e do forte sol da região. A viagem seguiu em direção ao igarapé *Liw* (lugar que, regionalmente, recebe o topônimo de “Kariwa”), chegando às 11 horas.



Foto 12 - Construção de um toldo na canoa no acampamento do Sítio Suaçu, Jair Araújo e Pedro Moraes (Karolin Obert, 28/12/2017)

A foz deste igarapé, na margem direita do rio, em frente à ilha do Kariwa, é o local de nascimento de seu Jair. Auxiliadora e Jair pediram para entrar no igarapé para gravar suas histórias, porque se trata de um lugar extremamente relevante para os Dâw, onde muitos nasceram e morreram. Com a ajuda de Pedro Moraes, um curto depoimento de seu Jair foi gravado, trazendo uma vez mais os sentidos expressos na narrativa pouco antes coletada.

O destino agora era *Sit Jará*, o que tomou uma tarde inteira de deslocamento. Nesse dia, um total de vinte e um lugares foram marcados com o equipamento GPS, baseados na memória de seu Jair: sítios da etnia Tukano, lugares de colocação de piaçava e bocas de varadouros que conectam diferentes alturas do rio Curicuriari, a comunidade Waruá, o igarapé *Bukaar Pêeg* e o igarapé *Buut Nâax*. Ao longo do trajeto, foram conferidas as localizações dos principais igarapés traçados no mapa da região elaborado pelo Instituto Socioambiental, no intuito de complementar

esse mapa com outros cursos d'água que são referências importantes para os Dâw. Foram vinte anos de distância entre a última incursão de seu Jair no rio Curicuriari e a viagem que estava sendo realizada, mas o saber do ancião em relação aos diferentes espaços, seus nomes e histórias, em nada parecia esmorecido.

Dentre os locais que a equipe passou em direção a *Sit Jará*, destacam-se alguns, como a comunidade do Inebo, na qual chegaram por volta das 14 horas. Nesta comunidade da etnia Tukano, localizada na foz do igarapé de mesmo nome, a equipe anunciou a entrada no rio Curicuriari para a liderança da comunidade. Outro ponto relevante visitado neste dia foi *Sit Belém* (sítio Belém), lugar com o qual os Dâw têm uma relação preferencial (como ficará claro a seguir) na margem direita do Curicuriari, pouco acima da comunidade do Inebo. Naquele momento, o terreno se encontrava em desuso, as roças dos Dâw tendo sido abandonadas há mais de dez anos. Como motivos para isso, os Dâw mencionaram a distância da comunidade Waruá e a falta de abrigo, fatores que dificultavam o acesso e a permanência neste local de origem, o que, segundo os Dâw, permitiu também que indígenas de outras etnias ocupassem o lugar. Por fim, afirmaram o forte interesse em habitar novamente essa terra, ressaltando a grande quantidade de caça e de pesca nos arredores. A relação com esta terra, a qual os Dâw consideram como sua, diz respeito ao fato de ser um lugar de nascimento e de morte de muitos de seus parentes no passado recente (segundo metade do século XX). Posteriormente à esta etapa do trabalho, a pesquisadora Karolin Obert soube, por telefone, que no início de fevereiro de 2018, 52 pessoas da comunidade Waruá, animadas pelos trabalhos de registro, subiram novamente o rio Curicuriari, construíram um barracão em *Sit Belém*, derrubaram novas roças e abriram os caminhos que estavam cerrados.

Muitos dos locais em que a equipe passou nesta tarde haviam sido mencionados na conversa com as anciãs Deolinda e Celina (conferir Tabela 1). A faixa de beira de rio entre a foz do igarapé Inebo e a comunidade de Tumbira, acima de *Sit Jará*, é provavelmente o trecho em que se concentrou a maior quantidade de lugares de colocação de piaçava no Curicuriari. Trata-se, portanto, de uma região de grande circulação dos Dâw, que alternavam entre tempos de estadia nesses pontos de arregimentação para o trabalho na piaçava na beira do rio Curicuriari e nos acampamentos no interior da floresta (descritos nas caminhadas para *Buukar Pêeg* e *Top Xooy Dâr*). Neste sentido, a transição da paisagem do rio Curicuriari também fornece pistas, uma vez que, na medida em que se progride em sua subida, a composição vegetal das margens, gradativamente tomando o aspecto de árvores baixas com a presença de pequenas palmeiras, indica uma proximidade cada vez maior dos piaçavais, cuja localização se dá mais no interior da mata, em relação às margens do rio.

Às 18 horas, no *Sit Jará*, onde há uma casa de forno do senhor Alfonso (etnia Tukano), conhecido de seu Jair do tempo do trabalho na piaçava, a equipe parou para pernoitar. Depois de um breve descanso do intenso dia de trabalho de georreferenciamento, foi gravado um depoimento de seu Jair sobre esse sítio e sobre o caminho percorrido. Esse é um lugar em que os Dâw viveram junto aos Tukano, do qual partiam para a extração da piaçava no interior da floresta.

“tuy' mĩ' rid 'wĩĩnh pən' 'nãp 'yêe. woor dâw diid. b̃g rid 'wĩĩnh pən' woor suun dâw suun. yalaa b̃g. nã' 'm̃g nãa' yalaa woor sun nĩr xoot t̃d m̃ay têer dâw suun nĩ 'm̃g woor pej.”

“Aí eles trabalhavam junto com os Tukano na piaçava. No igarapé Tuy' eles trabalhavam na piaçava. Tukano junto com Dâw. Aqui eles trabalhavam, os Dâw e os Tukano. Lá no Jará. Aqui nesse Jará não é só sitio dos Tukano. Os Dâw estavam aqui junto com os Tukano.” (Depoimento, Jair Araújo, 2017)

Segundo Jair, existe um varadouro que liga alguns sítios no rio Negro, na margem oposta à sede municipal de São Gabriel da Cachoeira, próximos, portanto, à atual comunidade Waruá, ao *Sít Jará*; caminho esse que, em sua juventude, Jair usava muito para carregar caixas de cachaça para seu patrão.

No dia seguinte, 29 de dezembro, a equipe partiu com o objetivo de chegar à comunidade de Tumbira. A primeira parada foi em uma pequena praia na boca do igarapé ‘*Lool*’ (lugar que é regionalmente conhecido pelo topônimo “Yasi”), onde Auxiliadora contou a história da morte do primeiro marido da sua mãe por picada de cobra. A equipe entrou na floresta em busca de um lugar em que havia antigamente tapiris dos Dâw, porém não tiveram êxito, uma vez que o mato se encontrava muito fechado e o destino final planejado daquele dia ainda estava distante.

Ao longo do deslocamento deste dia, foram marcados mais 29 nomes de lugares que Jair Araújo rememorou. Chegando à comunidade Tumbira (etnia Tukano), margem direita do Curicuriari, os Dâw e a pesquisadora conversaram com a liderança local, seu Bené (Tukano), e decidiram por pernoitar aí. Na manhã de 30 de dezembro, a conversa com a liderança Tukano a respeito dos trabalhos que estavam sendo realizados se deu da mesma forma que nas comunidades anteriores. Seu Bené confirmou que trabalhou junto com os Dâw na extração de piaçava e explicou a relação especial que essas duas etnias têm, pois compartilham memórias de sofrimento. Ele se ofereceu para uma gravação, porém os Dâw orientaram a pesquisadora Karolin que não o fizesse. Mesmo assim, seu Bené insistiu na estadia da equipe por mais um dia. Como todos estavam cansados da longa viagem e da caçaria noturna, aceitaram o convite, permanecendo no local mais um dia, aproveitando para visitar as roças da comunidade e a serra Tumbira na outra margem do rio. No tempo em que permaneceu na comunidade Tukano, seu Jair não se sentiu a vontade quanto à gravação de narrativas, o que, até então, havia sido feito em todos os lugares relevantes pelos quais a equipe havia passado. Nesse dia de descanso na comunidade, Karolin trabalhou com Roberto e Pedro na qualificação das informações sobre os pontos georreferenciados até então, comparando-os com o mapa do Instituto Socioambiental e verificando as distâncias entre os lugares. Isso se mostrou um exercício bem-sucedido no sentido de familiarizar os Dâw com o equipamento de GPS e o manejo de dados cartográficos em mapas.

A comunidade Tumbira foi o limite da entrada da equipe no Curicuriari, e no dia 31 de

dezembro de 2017, deu-se início à descida do rio. No retorno, foi realizado o registro do igarapé Abiu, afluente da margem esquerda, igarapé em que as canoas adentraram após aproximadamente 45 minutos de viagem saindo da comunidade Tumbira. Este curso d'água, bastante estreito, é de difícil navegação. O objetivo desta entrada era o registro de um lugar de colocação em que muitos Dâw morreram, próximo à cabeceira. Seu Oskar, em uma conversa na comunidade Waruá, narrou que esse lugar era de tal forma longínquo e seu acesso penoso que os patrões demoravam muito para retornar com o pagamento, em forma de alimentos e itens necessários para a sobrevivência, de modo que os Dâw morriam de fome. O clima nas canoas era visivelmente distinto dos dias anteriores, em que a animação no deslocamento pela paisagem e suas memórias dava a tônica. A quietude de todos chamava a atenção, e seu Jair não parecia disposto a enunciar o conhecimento do lugar. Para completar, a navegação foi gradativamente ficando mais complicada a cada curva e a cada obstáculo (troncos de árvore que, caídos, atravessam o canal). Os Dâw desistiram de alcançar a cabeceira, decidindo por procurar local que servisse de pouso para a equipe passar a noite.

Por volta das 15 horas, encontraram um ponto com uma pequena clareira natural, dando início à limpeza do terreno e à construção de um *top pis* (abrigo temporário coberto com lona). A maioria do grupo seguiu rio acima para caçar, uma vez que o lugar do acampamento estava em terreno de igapó, onde não há caça. Roberto comentou que, subindo esse igarapé mais uma hora, começa a terra firme, e acrescentou que antes os Dâw subiam uma vez por ano o Abiu para caçar porco do mato, incursões essas que não eram realizadas há certo tempo.

Depois da partida dos caçadores, seu Jair e Auxiliadora se ofereceram para narra a história desse lugar. Como a câmera filmadora teve uma avaria no deslocamento do dia anterior, esse depoimento foi gravado somente em formato de áudio. Nesse depoimento, Jair narra que nesse igarapé os Dâw trabalham com vários patrões. Restaram poucos Dâw vivos que trabalharam na extração da piaçava neste local, o que indica ser um lugar de colocação bastante antigo. Tanto Jair como Auxiliadora confirmaram a dificuldade de se encontrar caça nesse lugar, uma vez que o piaçaval está em região alagadiça, impossibilitando a passagem dos animais; o lugar onde os homens foram caçar nesse dias é o mesmo em que os antigos Dâw procuravam alimento no tempo do lugar de colocação no igarapé Abiu. E, uma vez mais, ressaltaram a importância da documentação dessas histórias para garantir que o conhecimento desses lugares visitados seja compartilhado com as gerações mais novas. Neste acampamento no Abiu, a equipe passou a virada do ano 2017 para 2018, preparando a paca que os homens caçaram no lugar indicado por seu Jair.

Em 1º de janeiro de 2018, a equipe deu início ao trecho de retorno para a comunidade Waruá. Considerando que agora navegariam a favor da correnteza do Curicuriari, estipularam dois dias de viagem, sendo o destino do primeiro dia de retorno a comunidade Inebo, onde poderiam se abrigar na casa de forno da dona Maria. Passaram a noite conversando com seu Lucas, a liderança da comunidade, que contou dos varadouros que saem do Inebo em direção à margem

direita do rio Negro. Segundo Lucas, o varadouro que segue direto para a comunidade Waruá se encontra em desuso desde que os Dâw pararam de se engajar na exploração de piaçava.

Uma parte da equipe carregou as canoas e partiu às 4 horas, ainda noite, enquanto os demais – Auxiliadora, Jair, Karolin e Kleber (criança, filho de Roberto) – seguiram a pé com o objetivo de marcar o trajeto de um varadouro que liga os rios Curicuriari e Negro. O ponto de encontro combinado, em momento incerto do dia, foi a boca do varadouro no rio Negro, na altura da comunidade Tapajós (cf. mapa 1). Os caminhantes saíram por volta das 8 horas da manhã, deixando a comunidade do Inebo em direção noroeste. Logo no começo do trajeto, encontraram terra firme em um trecho de onde sai um caminho, atualmente cerrado, que leva ao igarapé *Bukaar Pêeg*. Segundo Jair, no tempo em que a trilha estava aberta, o deslocamento tomava um dia de caminhada.



Mapa 1 - Caminho de barco da comunidade do Inebo para a comunidade Waruá (linha vermelha); Caminho do varadouro entre comunidade do Inebo e o Rio Negro - percorrido no dia 02/01/2018 (Karolin Obert)

Ao longo do caminho foram marcadas as coordenadas de dois igarapés que Jair classificou como lugares de descanso. Os nomes desses lugares são interessantes, pois são compostos de frases que parecem condensar eventos passados que os marcaram. Um desses igarapés Jair chamou de *Dâw Nür Pax Xaa*, o outro, de *Been Suk Wôob*. Esses nomes de lugares podem ser segmentados da seguinte forma:

(1)

[dâw	nũr]	pax	xaa
peessoa	cabeça	barro	estar.sentado
túmulo		barro	estar.localizado

“Lugar onde tem túmulo no barro”

(2)

been	suk	wôob
NP*	farinha	pôr.em.cima

“lugar onde Bené colocou farinha (em algum lugar alto)”

*NP: frase nominal

Ambos nomes mostram que esse varadouro levava os Dâw para o passado traumático que tantas vezes foi rememorado ao longo dos dias de viagem e registro no rio Curicuriari, bem como nos outros trabalhos de registro no âmbito desse projeto. Não está claro se o lugar analisado em (1) é um lugar onde os Dâw enterraram os parentes mortos ou se pode ser entendido como uma metáfora que descreve a tensão deles antes da chegada à comunidade do Inebo, ponto de arregimentação para o trabalho extrativista, nas colocações situadas ao longo dos rios. Isso seria provável, pelo fato de que, vindo da direção inversa, isto é, saindo do igarapé *Bukaar Pêeg* (antigo lugar de habitação), o igarapé *Dâw Nũr Pax Xaa* é o último lugar de referência antes de chegar à comunidade do Inebo. Ao passo que o topônimo analisado em (2) descreve um igarapé onde seu Bené, liderança da comunidade Tumbira, colocava ou escondia farinha para os outros que trabalhavam na piaçava. Resta ainda confirmar esses nomes com outras pessoas para verificar se se tratam de topônimos compartilhados na comunidade Waruá, ou de uma memória e forma de denominação próprias de seu Jair.



Foto 13 - Caminhando no varadouro entre a comunidade do Inebo e o Rio Negro, Kleber Sanches e Karolin Obert (Pedro Moraes, 02/01/2018)

A equipe chegou à boca da trilha, no rio Negro, ao meio dia, onde Roberto aguardava com uma canoa para realizar o último trecho da viagem de retorno, finalizada uma hora depois. Após três dias descanso, começaram os trabalhos de transcrição e tradução de narrativas, além do armazenamento dos dados coletados durante a viagem, trabalho esse realizado por Karolin e pelos colaboradores indígenas Pedro Moraes, Ester de Sousa Sanches e Maria Auxiliadora de Sousa Castro.

A.1.6) Caminhada nas roças e oficina de GPS

Durante o último mês de estadia de Karolin Obert na comunidade Waruá, foi realizada uma oficina formal de manuseio de equipamento GPS. Foram convidadas todas as pessoas interessadas no tema, para que comparecessem no centro comunitário da aldeia, em 5 de janeiro de 2018. A oficina foi dividida em duas partes: pela manhã alguns princípios básicos do GPS (sistema de posicionamento global), como funciona (satélite) e qual sua finalidade. Para a tarde, foi planejada uma atividade na qual os participantes colocaram em prática o que foi discutido na primeira parte da oficina, aproveitando a ocasião para apresentar o método de importação dos dados georreferenciados para o computador.

A pesquisadora Karolin Obert mostrou as rotas e os pontos marcados durante a viagem ao longo do Curicuriari no programa Google Earth. Os participantes demonstraram grande interesse nessa ferramenta e, inclusive, se divertiram ao procurar lugares como roças e igarapés nas imagens de satélite. Não obstante ter tomado mais tempo que o planejado, esse aspecto lúdico da oficina revelou-se como o melhor método para aproximar os Dâw do uso deste programa.



Foto 14 - Oficina de GPS, Erlik Fernandes de Sousa (Karolin Obert, 05/01/2018, comunidade Waruá)

Foram apresentadas ainda as funções de marcação de “trajeto” e de “ponto” e cada participante foi estimulado a ligar o aparelho e marcar um ponto. A parte prática foi realizada em uma caminhada nas roças da comunidade Waruá, seguindo em direção sul, a partir do centro da comunidade. Os participantes colocaram o interesse em marcar roças antigas, roças atuais e roças que estão sendo abertas, bem como a mudança de paisagem ao longo dos caminhos. Na manhã deste dia, foram marcadas as localizações de metade das roças da comunidade.

O ensino dos métodos de importação de dados georreferenciados foi certamente a parte mais desafiadora, considerando a baixa intimidade dos Dâw com computadores. Foi desenvolvido para ser deixado na comunidade um manual de importação de dados com fotos da tela do computador, indicando o passo a passo do processo.

Inicialmente, estava planejada inclusão de uma oficina de desenho de mapas, a qual, não foi realizada devido às limitações de tempo para realização desta etapa como um todo. Os participantes, contudo, afirmaram seu desejo em desenvolver esta atividade em uma próxima estadia de Karolin Obert.

A.2) Descrição dos registros documentais realizados e dos acervos constituídos

Durante as atividades foram feitos registros audiovisuais e fotográficos que se encontram em ordem cronológica nas planilhas anexadas abaixo. Os registros descritos nas tabelas referem-se exclusivamente aos trabalhos realizados no âmbito do presente projeto.

As fotografias foram registradas de acordo com as normas do Museu do Índio, repassadas em formato RAW (ARW, no caso da extensão da câmera Sony alpha 6000), à exceção de alguns registros fotográficos realizados no rio Curicuriari posteriormente à avaria sofrida pela câmera de Karolin Obert. Algumas fotografias são de autoria de Pedro Moraes (etnia Dâw), realizadas com sua própria câmera (Canon IXUS - modelo antigo desconhecido), não configurada na extensão RAW no momento do registro.

Em geral, os vídeos gravados correspondem a arquivos sonoros registrados com gravador, sendo sua relação especificada nas tabelas. No caso de não haver arquivo sonoro, trata-se das situações em que narrativas foram registradas em momentos em que a equipe não havia decidido inicialmente gravá-las, deslocando-se sem o equipamento necessário. A última gravação, no igarapé Abiu (rótulo daw_31122017_kao.wav), por exemplo, não pôde ser gravada em vídeo pois a câmera estava com defeito. O registro fotográfico é composto por uma seleção feita por Karolin Obert.

Por fim, vale mencionar que todos os arquivos depositados, listados e descritos nas planilhas são materiais brutos, não editados.

Junto desse Produto, estão sendo entregues um total de: 14 arquivos de áudio (duração total: 1 hora, 9 minutos e 59 segundos), 11 arquivos de vídeo (48 minutos e 37 segundos) e 100 registros fotográficos.

Audiovisual – planilha de identificação

Subprojeto: Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Data da entrega do material: 22/04/2018

Quantidade de arquivos digitais: 11

Quantidade de horas: 00:48:37

Equipamento utilizado: Sony alpha 6000

Rótulo do arquivo	Duração	Título da cena	Autor	Descrição da cena (motivação do registro, nome dos participantes, local, evento).
daw_20171122_kao.MP4	00:24:29	Conversa sobre os lugares e caminhos dos antigos no rio Curicuriari	Karolin Obert	Local: Casa da Deolinda. Participantes: Deolinda e Celina Dâw, Karolin Obert. Motivação: Investigar os lugares de importância no rio Curicuriari para organizar e planejar a viagem ao longo desse rio. Além disso, registro da memória das pessoas mais velhas da comunidade sobre lugares e caminhos antigos.
daw_20171126_kao_01.MP4	00:03:52	Bukar Pêeg	Karolin Obert	Local: Acampamento no igarapé Bukar Pêeg. Participantes: Brasilino Mendes. Motivação: Narração sobre os lugares ao longo do

				caminho do igarapé Bukar Pêeg e do valor desse projeto.
daw_20171126_kao_02.MP4	00:02:27	Demarcação do território	Karolin Obert	Local: Caminho igarapé Bukar Pêeg (0°12'38.20"S 66°58'38.99"O). Participantes: Auxiliadora Fernandes da Silva, Karolin Obert. Motivação: Ressaltar a importância da demarcação da terra tradicional do povo Dâw.
daw_20171126_kao_03.MP4	00:03:10	Antigo porto do povo Dâw	Karolin Obert	Local: Antigo porto do povo Dâw no igarapé Bukar Pêeg (0°12'38.20"S 66°58'38.99"O). Participantes: Auxiliadora Fernandes da Silva, Karolin Obert. Motivação: Explicar a origem do nome desse igarapé e relatar quem morava nesse lugar.
daw_20171126_kao_04.MP4	00:03:27	Três porcos	Karolin Obert	Local: Acampamento no igarapé Bukar Pêeg (S 00°12.843' S 00°12.539'). Participantes: Brasilino Mendes, Auxiliadora Fernandes, Roberto Sanches, Pedro Moraes, Ozimar Araújo, Fabricio Fernandes, Airton Fernandes, Kleber Sanches. Motivação: Narração sobre o caminho da caça, e sobre a caçada realizada na noite do acampamento.
daw_20171126_kao_05.MP4	00:00:42	Pé de cupuaçu	Karolin Obert	Local: Terra firme perto do acampamento do Bukar Pêeg (0°12'27.20"S 66°58'40.10"O). Participantes: Brasilino Mendes, Karolin Obert. Motivação: Mostrar como identificar um antigo lugar de casa através de plantas domesticadas (ex.: pé de

				cupuaçu).
daw_20171227_kao.MP4	00:00:20	Trajetos Rio Negro	Karolin Obert	Local: Rio Negro. Participantes: Pedro Moraes, Jair Araújo, Roberto Sanches, Brasilino Mendes. Motivação: Registrar um trecho do caminho no Rio Negro durante a viagem do Curicuriari.
daw_20171228_kao_01.MP4	00:05:42	Primeiro dia – Suaçu	Karolin Obert	Local: Sítio Suaçu (0°15'1.57"S 66°53'6.42"O). Participantes: Jair Araújo, Karolin Obert. Motivação: Registro do caminho percorrido até aqui bem como das histórias sobre esses lugares.
daw_20171228_kao_02.MP4	00:01:09	Na boca do igarapé Kariwa	Karolin Obert	Local: Boca do igarapé Kariwa (0°16'12.22"S 66°54'25.62"O). Participantes: Jair Araújo, Karolin Obert. Motivação: Registro de uma narrativa sobre esse igarapé que é o lugar de nascimento do narrador (Jair).
daw_20171228_kao_03.MP4	00:02:51	Segundo dia - Jará	Karolin Obert	Local: Sítio Jará (0°15'42.68"S 67° 4'56.89"O). Participantes: Jair Araújo, Karolin Obert. Motivação: Registro do caminho percorrido até o local, bem como das histórias sobre os lugares encontrados neste caminho.
daw_20171229_kao.MP4	00:00:28	Trajetos Rio Curicuriari	Karolin Obert	Local: Rio Curicuriari. Participantes: Kleber Sanches. Motivação: Registrar um trecho do caminho no Rio Curicuriari.

Arquivos de áudio – planilha de identificação

Subprojeto: Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Período: 15 de novembro de 2017 até 4 de fevereiro de 2018

Parâmetros dos arquivos de áudio: taxa de amostragem 44.100; bits por amostra 16; 2 canais de áudio

Equipamento utilizado: ZOOM H4n

Duração total de gravação: 01:09:59

Quantidade de arquivo de áudio e formatos: 14 arquivos formato WAV

Consultor_BrunoRibeiroMarques_Produto03_[22.04.2018]



Rótulo do arquivo:	Duração: 00:00:00	Conteúdo (Situação; Repertório Musical; Paisagem Sonora; Narração; Termo Nativo):	Formação (Instrumentos) / Termo Nativo:	Observações:
daw_20171122_kao.wav	00:24:36	Conversa com as Senhoras Deolinda e Celina sobre os lugares vinculados à histórias pessoais como: lugares de nascimento; lugares de trabalho; lugares de nascimento dos filhos; lugares de morte dos parentes. Local: Banco atrás da casa da Dona Deolinda. Paisagem sonora: som dos insetos, som de machado no fundo.		Trata-se de uma conversa inicial com o objetivo de descobrir lugares de importância pessoal e histórica do povo Dâw. Essa conversa foi sugerida por Roberto Sanchez, atual liderança da comunidade, uma vez que o conhecimento sobre esses lugares se encontra centralizado na memória dos anciões e anciãs da comunidade. A conversa foi guiada pela pesquisadora Karolin Obert e foi feito parcialmente na língua Dâw e em Português. Arquivo de vídeo: daw_20171122_kao.MP4.
daw_20171126_kao_01.wav	00:04:39	Narração do Brasilino Mendes sobre o igarapé Bukaar Pêeg. A gravação foi feita logo na chegada no acampamento na beira do igarapé Bukaar Pêeg. Local: Acampamento no igarapé Bukaar Pêeg. Paisagem sonora: som do		O nome igarapé Bukaar Pêeg em tradução literal para o português significa “árvore grande”. Os Dâw se referem a uma árvore cujo nome da espécie em português não pôde ser identificado. Antes de chegarmos ao acampamento, passamos por essa árvore, cuja localização foi georreferenciada e da qual foram registradas fotografias. Brasilino

		isqueiro, som de pássaros.		Mendes conta nessa gravação que esse lugar era um lugar de antiga moradia da sua família. Ele ressalta a importância do conhecimento desse lugar para os jovens. Além disso, ele menciona as espécies de árvores frutíferas domesticadas que indicam os antigos lugares de moradia. Arquivo de vídeo: daw_20171126_kao_01.MP4.
--	--	----------------------------	--	--

daw_20171126_kao_02.wav	00:03:06	Narração sobre a marcação do território Dâw. Auxiliadora Fernandes marca a palavra Dâw com ajuda de um facão em uma árvore ao longo do caminho. Local: Caminho entre acampamento e antigo porto do povo Dâw no igarapé Bukaar Pêeg. Paisagem sonora: som de pássaros.		Durante a gravação foram presentes o filho de Auxiliadora Fernandes e o filho de Roberto Sanchez. Auxiliadora Fernandes explica nessa narração a importância da documentação desse território não mais habitado pelos Dâw hoje em dia. Ela justifica isso com a suspeita da entrada de outros povos nesse território. Língua: Português. Arquivo de vídeo: daw_20171126_kao_02.MP4.
daw_20171126_kao_03.wav	00:03:15	Narração de Auxiliadora Fernandes sobre as pessoas que moravam no igarapé Bukaar Pêeg antigamente. Local: Porto antigo do povo Dâw no igarapé Bukaar Pêeg. Paisagem sonora: Som da água correndo, som das crianças brincando em volta na água.		Durante a gravação Auxiliadora Fernandes menciona nomes dos anciões vivos ainda hoje em dia. Além disso, ela explica o surgimento do nome do igarapé. No fim da gravação ela explica o caminho percorrido até esse ponto e o motivo da caminhada que foi de encontrar um pé de limão que sua mãe tinha plantado nessa área. Como mencionado anteriormente, a localização de árvores frutíferas é considerada como ponto de referência principal para poder encontrar antigos lugares de moradia. Língua: Dâw. Arquivo de vídeo: daw_20171126_kao_03.MP4.
daw_20171126_kao_04.wav	00:05:50	Narração sobre a caça dos porcos no igarapé Bukaar Pêeg. Após da volta dos caçadores que		Brasilino Mendes conta nessa gravação o jeito tradicional de encontrar a caça no mato e relatou quem dos caçadores matou essa

		trouxeram dois porcos do mato, Brasilino Mendes decidiu de relatar a caçada. Ele está sentado do lado dos outros caçadores que se encontram em processo de limpeza da caça, que leva a interações curtas entre ele e os outros caçadores no meio da narração. Local: Lugar de acampamento na beira do igarapé Bukaar Pêeg. Paisagem sonora: Som da água correndo, vozes dos caçadores limpando a caça.		caça. Além disso, ele faz uma referência aos problemas da alimentação que o povo Dâw passa hoje em dia por falta de caça no território em volta da comunidade. Língua: Dâw. Arquivo de vídeo: daw_20171126_kao_04.MP4.
--	--	---	--	---

daw_20171208_kao_01.wav	00:00:41	Gravação pássaro “dôo” durante a caminhada para o Top Xôoy Dâr (Lit.: Lugar onde queimava casa). Local: Igarapé Top Xôoy Dâr		Gravamos nessa caminhada o som do pássaro “dôo” (Port.: cricrió) que segundo Seu Oskar somente é encontrada na terra firme onde se encontra árvores altas.
daw_20171208_kao_02.wav	00:05:10	Narração sobre o lugar Top Xôoy Dâr por Seu Oskar. Trata-se de um antigo lugar de moradia acerca duas horas de caminhada da comunidade Waruá. Local: igarapé Top Xôoy Dâr. Paisagem sonora: Som de pássaros e insetos, vozes das duas filhas de Oskar.		Oskar explica nessa gravação o caminho para chegar até o lugar chamada Top Xôoy Dâr na língua Dâw, que pode ser literalmente traduzido como “lugar onde se queimava casas”. Na sua fala a origem desse nome não fica muito claro. Ele menciona que essa historia não pode ser contado para um publico amplo. Em seguida ele conta que esse lugar foi um lugar de antiga moradia do seu clã. No fim da gravação escuta-se as filhas do Oskar pedindo para ele de contar a historia, o que ele nega. Língua: Dâw, Português.
daw_20171208_kao_03.wav	00:01:13	Narração sobre outros lugares de antiga moradia entre a comunidade Waruá, o igarapé Buut nâax e o igarapé Inebo. Local: igarapé Top Xôoy Dâr. Paisagem sonora: Som de pássaros e insetos, vozes das duas filhas de Oskar.		Oskar relata brevemente a localização de outros sítios no triangulo entre a comunidade Waruá, o igarapé Buut nâax (igarapé atravessado nessa caminhada) e o igarapé Inebo (afluente do Rio Curicuriari, lugar importante de caça e pesca). Língua: Dâw, Português.

daw_20171208_kao_04.wav	00:00:40	Gravação pássaro “taan” durante a caminhada para o Top Xôoy Dâr. Local: Igarapé Top Xôoy Dâr. Paisagem sonora: som do pássaro “taan” (Port.: canção), vozes das filhas do Oskar.		Gravamos o som do pássaro “taan” (Port.: canção) no momento de descanso depois da caminhada.
daw_20171228_kao_01.wav	00:06:37	Narração do seu Jair Araújo no sitio Suaçu após do primeiro pernoite da viagem ao longo do Rio Curicurari. Local: Pedra na margem esquerda do Rio Curicurari abaixo da foz do igarapé Suaçu. Paisagem sonora: Som do rio correndo, som de pássaros.		Nessa gravação seu Jair Araújo relata em ordem cronológica o trecho percorrido no dia anterior até chegar no sitio Suaçu (sitio antigo da etnia Tukano). Ele menciona que todos os lugares passados representaram lugares de trabalho na extração de piaçava e de sofrimento por falta de alimentação. Seu Jair Araújo continua sua fala descrevendo o caminho que nos íamos percorrer nesse dia se referindo aos sítios antigos da etnia Tukano e lugares da extração de piaçava e cipó. Entre os pontos ele menciona o igarapé Kariwa como seu lugar de nascimento. Língua: Dâw. Arquivo de vídeo: daw_20171228_kao_01.MP4.
daw_20171228_kao_02.wav	00:01:50	Narração do seu Jair Araújo sobre o igarapé Kariwa local do seu nascimento. Passamos esse igarapé logo após da continuação da nossa viagem no segundo dia. Entramos na foz do igarapé		Como Seu Jair Araújo tinha anunciado na gravação anterior, parámos na foz do igarapé Kariwa para gravar seu depoimento sobre esse lugar. Ele conta que nasceu longe da foz do Kariwa no meio da mata. Ele acrescenta que tinha muitos lugares de

		Kariwa de acordo com o desejo do Seu Jair de gravar seu depoimento nesse lugar. Local: Foz do igarapé Karwia, localizado na margem direita do Rio Curicuriari. Paisagem sonora: Som do rio, vozes das outras pessoas presentes na canoa.		extração de piaçava e cipó nas quais sua família sofreu sob os donos das colocações (Lugar onde os extratores da matéria prima colocaram os feixes de piaçava ou cipó). Língua: Dâw. Arquivo de vídeo: daw_20171228_kao_02.MP4.
--	--	---	--	--

daw_20171228_kao_03.wav	00:02:55	Narração do seu Jair Araújo sobre os locais percorridos no dia anterior (27 de novembro de 2017) no sitio Jará no segundo pernoite da viagem do Rio Curicuriari. Local: Sitio Jará na margem esquerda do Rio Curicuriari. Paisagem sonora: som dos insetos da noite.		Nessa gravação o seu Jair Araújo explica o lugar de acampamento no sitio Jará que hoje em dia é um sitio de um senhor da etnia Tukano conhecido pelo povo Dâw. Jair Araújo ressalta que esse sitio desde sempre era do povo Tukano que os Dâw dividiram parcialmente nos retornos das colocações de piaçava e cipó. Também menciona um caminho antigo que conecta esse sitio com a comunidade Waruá (cerca um dia de caminhada). Língua: Dâw. Arquivo de vídeo: daw_20171228_kao_03.MP4.
daw_20171231_kao.wav	00:08:32	Conversa dentro do igarapé Abiu entre Auxiliadora Fernandes e Jair Araújo sobre o caminho percorrido nesse dia da saída da comunidade Tumbira (etnia Tukano) até o lugar de acampamento no igarapé Abiu no quarto dia da viagem. Local: Acampamento no igarapé Abiu, margem esquerda do Rio Curicuriari. Paisagem sonora: som de pássaros, som de insetos.		A conversa entre Jair Araújo e Auxiliadora Fernandes narra no início o caminho entre nosso ponto de partida, que foi a comunidade Tumbira (etnia Tukano, margem direita do Rio Curicuriari) e a chegada no acampamento dentro do igarapé Abiu (margem esquerda do Rio Curicuriari). Seu Jair Araújo comenta que a situação do nível de água não favoreceu as atividades de caça, uma vez que a mata virgem se transformou em igapó. Em seguida, ele comenta dos anciãos Dâw, já mortos, trabalhavam aqui antigamente, concluindo que esse lugar de colocação é provavelmente um dos mais antigos da região. Novamente, ele ressalta

				que muitas pessoas morreram nesse igarapé por desnutrição. No final da conversa, eles discutem a importância o registro dessas histórias para os filhos e netos deles podem conhecer essas histórias um dia. Língua: Dâw.
daw_20180102_kao	00:00:55	Gravação do pássaro “doo” durante a caminhada entre a comunidade do Inebo (rio Curicuriari) e o rio Negro. Local: interflúvio entre os rios Curicuriari e Negro. Paisagem sonora: canto do pássaro “doo” (Port.: cri-crió), insetos na floresta e outros pássaros.		Gravamos o som do pássaro “doo” (Port.: cri-crió) no decorrer da caminhada entre a comunidade do Inebo (rio Curicuriari) e o rio Negro, finalizando os trabalhos de documentação cultural com os Dâw na região do rio Curicuriari.

Fotografia digital – planilha de identificação 1

Subprojeto: Caminhos dos Hupd’äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: TI Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Título do conjunto: Caminho Inebo

Data da entrega do material: 22/04/2018

Quantidade de imagens entregues: 18

Equipamento utilizado: Sony 16-50mm f/3.5-5.6 OSS Zoom Lens

Rótulos dos arquivos digitais	Título	Autor	Descrição (Ex: evento, nome dos participantes, local, categorias temáticas).
daw_20171118_kao_01.tif	Momento de descanso	Karolin Obert	Lugar de descanso na metade do caminho entre a comunidade Waruá e o acampamento no igarapé Inebo, Edimilson, Brasilino Mendes.
daw_20171118_kao_02.tif	Clareira com equipamento da caminhada	Karolin Obert	Clareira no lugar de descanso com aturá (cesto tradicional feito de cipó com faixa feita de envira para carregar na testa) para carregar itens da caminhada; espingarda encostada.
daw_20171118_kao_03.tif	Extração de mel	Karolin Obert	Momento da extração de mel, tirando as favas de um buraco feito com machado em um tronco, Edimilson.
daw_20171118_kao_04.tif	Caminho na caatinga	Karolin Obert	Caminho entre comunidade Waruá e igarapé Inebo, caminho na caatinga (vegetação mais baixa e menos densa com forte presença de palmeiras).
daw_20171118_kao_05.tif	Fava de mel	Karolin Obert	Fava de mel com ovos da abelha na mão de Brasilino Mendes.
daw_20171118_kao_06.tif	Extração de mel	Karolin Obert	Edimilson tirando as favas de um buraco feito com machado em um tronco, enquanto é observado por Brasilino Mendes.
daw_20171118_kao_07.tif	Espremendo a fava	Karolin Obert	Extração de mel, espremendo o mel da fava em uma vasilha de plástico, no fundo: facão e folha como apoio das favas, Edimilson.
daw_20171118_kao_08.tif	Fogueira no acampamento	Karolin Obert	Clareira do acampamento no igarapé Inebo logo após a chegada, fogueira com panela pendurada, cachorra do Edimilson descansando.
daw_20171118_kao_09.tif	Canoa de pesca	Karolin Obert	Canoa feita de tronco único (monóxila), usada para pesca no acampamento do Inebo.

daw_20171118_kao_10.tif	Construção do tapiri (casa de acampamento)	Karolin Obert	Amarração dos paus com cipó no acampamento do igarapé Inebo, Brasilino Mendes, Edimilson.
daw_20171119_kao_01.tif	Canoa com caça (dois porcos do mato)	Karolin Obert	Canoa carregada com caça amarrada por tiras de envira para o transporte durante o caminho, beira do acampamento do igarapé Inebo, Edimilson.
daw_20171119_kao_02.tif	Canoa com caça (dois porcos do mato)	Karolin Obert	Canoa carregada com caça amarrada por tiras de envira para o transporte durante o caminho, beira do acampamento do igarapé Inebo.
daw_20171119_kao_03.tif	Preparação da caça	Karolin Obert	Preparação da caça (porco do mato) com facão, em cima de uma folha de zinco como apoio, Brasilino Mendes, Roberto e Kleber Sanches, acampamento do igarapé Inebo.
daw_20171119_kao_04.tif	Transporte da caça para o igarapé	Karolin Obert	Transporte da caça em direção à beira do igarapé para a limpeza da caça, Brasilino Mendes e Roberto Sanches carregando o porco, acampamento do igarapé Inebo.
daw_20171119_kao_05.tif	Limpeza da caça no igarapé	Karolin Obert	Limpeza da caça na beira do igarapé Inebo, Brasilino Mendes, Roberto e Kleber Sanches, acampamento do igarapé Inebo.
daw_20171119_kao_06.tif	Limpeza da caça no igarapé	Karolin Obert	Roberto Sanches limpa caça no igarapé Inebo, auxiliado por Brasilino Mendes, Kleber Sanches (filho de Roberto) observa. Acampamento do igarapé Inebo.
daw_20171119_kao_07.tif	Criança com	Karolin Obert	Criança com feto de porco do mato, Kleber Sanches.

	feto de porco		
daw_20171119_kao_08.tif	Caça cortada no aturá	Karolin Obert	Caça cortada dentro de aturá para transporte.

Fotografia digital – planilha de identificação 2

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: TI Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Título do conjunto: Caminho Bukaar Pêeg

Data da entrega do material: 22/04/2018

Quantidade de imagens entregues: 30

Equipamento utilizado: Sony 16-50mm f/3.5-5.6 OSS Zoom Lens

Rótulos dos arquivos digitais	Título	Autor	Descrição (Ex: evento, nome dos participantes, local, categorias temáticas).
daw_20171125_kao_01.tif	Canoa de madeira antes da partida	Karolin Obert	Preparação da viagem, canoa de madeira, beira do Rio Negro, comunidade Waruá.
daw_20171125_kao_02.tif	Carregar a canoa	Karolin Obert	Preparação da viagem, canoa, beira do Rio Negro, comunidade Waruá, Kleber Sanches, Pedro Moraes, Ozimar Araújo.
daw_20171125_kao_03.tif	Indicando o caminho para desviar das pedras	Karolin Obert	Trecho de canoa no Rio Negro, Brasilino Mendes, Fabricio Fernandes da Silva, Roberto Sanches e Pedro Moraes.
daw_20171125_kao_04.tif	Navegação no	Karolin Obert	Trecho de canoa no Rio Negro, Ozimar Araújo, Airton.

	Rio Curicuriari		
daw_20171125_kao_05.tif	Indicando o caminho para desviar das pedras	Karolin Obert	Trecho de canoa no Rio Negro, Brasilino Mendes, Roberto Sanches e Pedro Moraes.
daw_20171125_kao_06.tif	Casa abandonada no sítio de Seu Milton	Karolin Obert	Sítio do Seu Milton (Dâw) – lugar de descanso (ilha no Rio Negro), Auxiliadora Fernandes da Silva.
daw_20171125_kao_07.tif	Caminhada para o igarapé Bukaar Pêeg	Karolin Obert	Caminho para o igarapé Bukaar Pêeg, Mulher com aturá, menino com panela, Auxiliadora Fernandes da Silva, Fabricio Fernandes da Silva.
daw_20171125_kao_08.tif	Caminhada para o igarapé Bukaar Pêeg	Karolin Obert	Caminho para o igarapé Bukaar Pêeg, mulher com aturá, menino com panela, Auxiliadora Fernandes da Silva, Fabricio Fernandes da Silva.
daw_20171125_kao_09.tif	Caminhada para o igarapé Bukaar Pêeg	Karolin Obert	Caminho para o igarapé Bukaar Pêeg, Auxiliadora Fernandes da Silva, Fabricio Fernandes da Silva, Kleber Sanches.
daw_20171125_kao_10.tif	Passagem por uma árvore caída	Karolin Obert	Caminho para o igarapé Bukaar Pêeg, Auxiliadora Fernandes da Silva, Fabricio Fernandes da Silva, Kleber Sanches, Airton.
daw_20171125_kao_11.tif	Árvore “Bukaar Pêeg”	Karolin Obert	Árvore “Bukaar Pêeg” – motivo para o nome desse igarapé, Espécie desconhecida.

daw_20171125_kao_12.tif	Participantes da caminhada na frente da árvore “Bukaar Pêeg”	Karolin Obert	Árvore “Bukaar Pêeg”, Espécie desconhecida, Auxiliadora Fernandes da Silva, Fabricio Fernandes da Silva, Kleber Sanches, Airton, Roberto Sanches.
daw_20171125_kao_13.tif	Igarapé Bukaar Pêeg	Karolin Obert	Antigo porto do povo Dâw no igarapé Bukaar Pêeg.
daw_20171125_kao_14.tif	Preparação de Sibêe	Karolin Obert	Descanso depois da caminhada no acampamento, Brasilino Mendes.
daw_20171125_kao_15.tif	Tirando lascas	Karolin Obert	Preparação de fogo no acampamento, Auxiliadora Fernandes da Silva.
daw_20171125_kao_16.tif	Momento de descanso	Karolin Obert	Descanso depois da caminhada, Pedro Moraes e Kleber Sanches.
daw_20171126_kao_01.tif	Jacaré do lado da fogueira	Karolin Obert	Caça: Jacaré, acampamento Bukaar Pêeg.
daw_20171126_kao_02.tif	Jacaré sem couro	Karolin Obert	Caça: Jacaré, acampamento Bukaar Pêeg.
daw_20171126_kao_03.tif	Preparação de comida na fogueira	Karolin Obert	Cozinhar no acampamento Bukaar Pêeg, Auxiliadora Fernandes da Silva, Airton, Kleber Sanches.
daw_20171126_kao_04.tif	Crianças com jacaré	Karolin Obert	Crianças com caça no acampamento, Fabricio Fernandes da Silva, Airton, Kleber Sanches.
daw_20171126_kao_05.tif	Criança com	Karolin Obert	Criança com cabeça de jacaré no acampamento Bukaar Pêg, Fabricio Fernandes

	cabeça de jacaré		da Silva.
daw_20171126_kao_06.tif	Mulher marcando árvore com nome da etnia Dâw	Karolin Obert	Demarcação na árvore caminho Bukaar Pêeg, Auxiliadora Fernandes da Silva.
daw_20171126_kao_07.tif	Antigo porto dos Dâw no igarapé Bukaar Pêeg	Karolin Obert	Antigo porto do povo Dâw, no igarapé Bukaar Pêeg.
daw_20171126_kao_08.tif	Criança desamarrando a caça (porco do mato)	Karolin Obert	Caça: porco, Kleber Sanches.
daw_20171126_kao_09.tif	Caça (dois porcos) na beira do igarapé <i>Bukaar Pêeg</i>	Karolin Obert	Chegada da caça no acampamento, igarapé Bukaar Pêeg Pedro Moraes.
daw_20171126_kao_10.tif	Cabeça de porco do mato morto na folha de açai	Karolin Obert	Caça: porco do mato, igarapé Bukaar Pêeg.

daw_20171126_kao_11.tif	Tirando couro do porco do mato	Karolin Obert	Preparação da caça – tirar couro, Ozimar Araújo, Fabrício Fernandes da Silva.
daw_20171126_kao_12.tif	Porco sem couro na folha de açaí	Karolin Obert	Preparação da caça – tirar couro, Ozimar Araújo.
daw_20171126_kao_13.tif	Pé de cupuaçu – antigo lugar de moradia	Karolin Obert	Pé de cupuaçu – antigo lugar de moradia perto do igarapé Bukaar Pêeg.
daw_20171126_kao_14.tif	Volta de canoa fim da tarde	Karolin Obert	Volta para a comunidade de canoa no Rio Negro, Brasilino Mendes, Pedro Moraes e Roberto Sanches.

Fotografia digital – planilha de identificação 3

Subprojeto: Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: TI Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Título do conjunto: Caminho Top Xooy Dâr (Lit.: Lugar onde se queimava casa)

Data da entrega do material: 22/04/2018

Quantidade de imagens entregues: 6

Equipamento utilizado: Sony 16-50mm f/3.5-5.6 OSS Zoom Lens

Rótulos dos arquivos digitais	Título	Autor	Descrição (Ex: evento, nome dos participantes, local, categorias temáticas).
daw_20171208_kao_01.tif	Mata virgem – lugar de moradia antiga	Karolin Obert	Antigo lugar de moradia do povo Dâw (marcado pela presença de plantas cultivadas pelos antepassados Dâw).
daw_20171208_kao_02.tif	Senhor com espingarda no caminha para <i>Top Xooy Dâr</i>	Karolin Obert	Caminho para o <i>Top Xooy Dâr</i> , Oscar Dâw.
daw_20171208_kao_03.tif	Igarapé Buut	Karolin Obert	Chegada no igarapé <i>Buut Nâax</i> , Oscar Dâw.

	<i>Nâax</i>		
daw_20171208_kao_04.tif	Atravessando o igarapé <i>Buut Nâax</i>	Karolin Obert	Igarapé <i>Buut Nâax</i> , Oscar Dâw.
daw_20171208_kao_05.tif	Igarapé <i>Buut Nâax</i>	Karolin Obert	Igarapé <i>Buut Nâax</i> .
daw_20171208_kao_06.tif	Pé de tucumã	Karolin Obert	Pé de tucumã antigo, antigo lugar de moradia do povo Dâw.

Fotografia digital – planilha de identificação 4

Subprojeto: Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: TI Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Título do conjunto: Caminho Curicuriari

Data da entrega do material: 22/04/2018

Quantidade de imagens entregues: 38

Equipamento utilizado: Sony 16-50mm f/3.5-5.6 OSS Zoom Lens

Rótulos dos arquivos digitais	Título	Autor	Descrição (Ex: evento, nome dos participantes, local, categorias temáticas).
daw_20171227_kao_01.tif	Preparação para a viagem	Karolin Obert	Preparação da viagem, duas canoas, beira do Rio Negro, comunidade Waruá, Jair Araújo, Roberto Sanches, Karolin Obert, Kleber Sanches, Brasilino Mendes, Ozimar Araújo e Pedro Moraes.
daw_20171227_kao_02.tif	Preparação para a viagem	Karolin Obert	Preparação da viagem, beira do Rio Negro, comunidade Waruá, Brasilino Mendes, Ozimar Araújo e Pedro Moraes.
daw_20171227_kao_03.tif	Momento de partida para a viagem	Karolin Obert	Preparação da viagem, beira do Rio Negro, comunidade Waruá, Brasilino Mendes, Ozimar Araújo e Pedro Moraes, Roberto Sanches.

daw_20171227_kao_04.tif	Primeiro momento de descanso durante a viagem	Karolin Obert	Descanso durante a viagem, ilha no Rio Negro, preparação do almoço, Auxiliadora Fernandes da Silva, Roberto e Kleber Sanches, Ozimar Araújo.
daw_20171227_kao_05.tif	Criança brincando	Karolin Obert	Descanso durante a viagem, ilha no Rio Negro, Kleber Sanches.
daw_20171227_kao_06.tif	Preparação da comida durante o momento de descanso	Karolin Obert	Descanso durante a viagem, preparação do almoço ilha no Rio Negro, Pedro Moraes.
daw_20171227_kao_07.tif	Navegação no Rio Negro	Karolin Obert	Navegando no Rio Negro, segunda canoa no fundo, Ozimar Araújo.
daw_20171227_kao_08.tif	Segundo momento de descanso durante a viagem na praia de Mercês	Karolin Obert	Descanso na praia de Mercês Rio Negro, Kleber Sanches e Jair Araújo.
daw_20171227_kao_09.tif	Segundo momento de descanso durante a viagem na praia de	Karolin Obert	Descanso na praia de Mercês Rio Negro, Roberto Sanches, Pedro Moraes, Brasilino Mendes, Auxiliadora Fernandes da Silva.

	Mercês		
daw_20171227_kao_10.tif	Preparação da comida durante o segundo momento de descanso na praia de Mercês	Karolin Obert	Descanso na praia de Mercês Rio Negro, Pedro Moraes, Auxiliadora Fernandes da Silva.
daw_20171227_kao_11.tif	Navegação no Rio Negro com criança na ponta da canoa	Karolin Obert	Navegando no Rio Negro, segunda canoa na frente, Kleber Sanches, Ozimar Araújo, Brasilino Mendes.
daw_20171227_kao_12.tif	Navegação na entrada do Rio Curicuriari com vista para a Serra da Bela Adormecida	Karolin Obert	Navegar em direção a Serra da Bela Adormecida, Kleber Sanches.
daw_20171227_kao_13.tif	Perfil do Senhor Jair durante a viagem no Rio Curicuriari no fim da tarde	Karolin Obert	Durante a viagem no Rio Curicuriari, Jair Araújo.
daw_20171227_kao_14.tif	Perfil do Senhor Jair durante a	Karolin	Durante a viagem no Rio Curicuriari, Jair Araújo.

	viagem no Rio Curicuriari no fim da tarde	Obert	
daw_20171227_kao_15.tif	Senhor Jair e criança na canoa no Rio Curicuriari no fim da tarde	Karolin Obert	Durante a viagem no Rio Curicuriari, Jair Araújo, Kleber Sanches.
daw_20171227_kao_16.tif	Criança na ponta da canoa no Rio Curicuriari no fim da tarde	Karolin Obert	Navegar no Rio Curicuriari, Kleber Sanches.
daw_20171228_kao_01.tif	Primeiro acampamento no sitio Suaçú	Karolin Obert	Acampamento no sitio Suaçú (sitio antigo do povo Tukano), Barracão coberto com folha de caraná, Rio Curicuriari.
daw_20171228_kao_02.tif	Construção de um toldo na canoa	Karolin Obert	Construção de um toldo para a canoa com cipó e galhos, sitio Suaçú, Rio Curicuriari, Jair Araújo.
daw_20171228_kao_03.tif	Amarração da estrutura do toldo na canoa	Karolin Obert	Amarração da estrutura de toldo com cipó, sitio Suaçú, Rio Curicuriari, Pedro Moraes, Brasilino Mendes.
daw_20171228_kao_04.tif	Amarração da estrutura do toldo na canoa	Karolin Obert	Amarração da estrutura de toldo com cipó, sitio Suaçú, Rio Curicuriari, Jair Araújo, Pedro Moraes.
daw_20171228_kao_05.tif	Amarração da	Karolin	Amarração da estrutura de toldo com cipó, sitio Suaçú, Rio Curicuriari,

	estrutura do toldo na canoa	Obert	Jair Araújo, Pedro Moraes.
daw_20171228_kao_06.tif	Amarração da estrutura do toldo na canoa	Karolin Obert	Amarração da estrutura de toldo com cipó na canoa, amarração com cipó, sitio Suaçú, Rio Curicuriari, Jair Araújo.
daw_20171228_kao_07.tif	Navegação no Rio Curicuriari – segundo dia da viagem	Karolin Obert	Navegar no Rio Curicuriari, Jair Araújo, Roberto Sanches, Pedro Moraes.
daw_20171228_kao_08.tif	Navegação no Rio Curicuriari - segundo dia da viagem	Karolin Obert	Navegar no Rio Curicuriari, Jair Araújo, Roberto Sanches, Pedro Moraes.
daw_20171229_kao_01.tif	Limpeza da caça (paca)	Karolin Obert	Preparação da caça (paca), Sitio Jará, Rio Curicuriari, Jair Araújo.
daw_20171229_kao_02.tif	Navegação no Rio Curicuriari – terceiro dia da viagem	Karolin Obert	Navegar no Rio Curicuriari, Jair Araújo, Roberto Sanches, Pedro Moraes.
daw_20171229_kao_03.tif	Entrada do i Igarapé Abiu	Karolin Obert	Entrada de igarapé Abiu, Rio Curicuriari
daw_20171229_kao_04.tif	Navegação no Rio Curicuriari – terceiro dia da	Karolin Obert	Navegar no Rio Curicuriari, Jair Araújo, Roberto Sanches, Pedro Moraes, Kleber Sanches.

	viagem no fim da tarde		
daw_20171229_kao_01.TIFF	Margem do Rio Curicuriari – paisagem igapó	Karolin Obert	Margem do Rio Curicuriari, próxima a comunidade Tumbira, paisagem: igapó.
daw_20171230_kao_01.TIFF	Caminho para roça da comunidade Tumbira	Karolin Obert	Navegando no igapó na frente da comunidade Tumbira, caminho para as roças, Bernadinho (Tukano).
daw_20171230_kao_02.TIFF	Caminho para roça da comunidade Tumbira	Karolin Obert	Navegando no igapó na frente da comunidade Tumbira, caminho para as roças, Bernadinho (Tukano).
daw_20171230_kao_03.TIFF	Jogo de futebol na comunidade Tumbira (Tukano)	Karolin Obert	Futebol na comunidade Tumbira (Tukano), Rio Curicuriari.
daw_20171231_kao_01.TIFF	Canoa na beira do igarapé Abiu, lugar de acampamento	Karolin Obert	Beira do igarapé Abiu, afluente do Rio Curicuriari, lugar de acampamento.
daw_20171231_kao_02.TIFF	Amarração dos esteios para acampamento no	Karolin Obert	Amarração para tapiri (estrutura de madeira para esticar lona), Acampamento Abiu, Brasilino Mendes.

	igarapé Abiu		
daw_20180101_kao_01.TIFF	Almoço na canoa no Rio Curicuriari	Karolin Obert	Almoço na canoa, Paca e farinha de mandioca, Rio Curicuriari, Jair Araújo, Brasilino Mendes, Kleber Sanches.
daw_20180102_kao_01.TIFF	Momento de descanso no varadouro Inebo – Rio Negro	Karolin Obert	Descanso durante a caminhada no varador Inebo – Rio Negro, Jair Araújo, Kleber Sanches, Auxiliadora Fernandes da Silva.
daw_20180102_kao_02.TIFF	Caminhar no varadouro Inebo – Rio Negro	Pedro Moraes	Caminhada varador Inebo – Rio Negro, Kleber Sanches.
daw_20180102_kao_03.TIFF	Segundo momento de descanso no varadouro Inebo – Rio Negro Curicuriari	Karolin Obert	Igarapé “ben suk wôob” no varadouro Inebo – Rio Negro.

Fotografia digital – planilha de identificação 5

Subprojeto: Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos

Pesquisador Coordenador: Bruno Ribeiro Marques

Etnia: Dâw

Local: TI Médio Rio Negro I, comunidade Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM

Autor (es): Karolin Obert

Título do conjunto: Oficina de manejo do GPS

Data da entrega do material: 30/05/2018

Quantidade de imagens entregues: 8

Equipamento utilizado: Sony 16-50mm f/3.5-5.6 OSS Zoom Lens

Rótulos dos arquivos digitais	Título	Autor	Descrição (Ex: evento, nome dos participantes, local, categorias temáticas).
daw_20180126_kao_01.tif	Jovens Dâw treinando o manejo do GPS	Karolin Obert	Marcação do ponto georreferenciado do centro comunitário da comunidade Waruá (São Gabriel da Cachoeira) durante a oficina de GPS. Auxiliadora Fernandes, Pedro Moraes, Marquinho Mendes, Herlik Sanches da Souza, Kleber Sanches.
daw_20180126_kao_02.tif	Jovens Dâw treinando o manejo do GPS	Karolin Obert	Marcação do ponto georreferenciado do centro comunitário da comunidade Waruá durante a oficina de GPS. Pedro Moraes, Marquinho Mendes, Herlik Sanches da Souza, Valteir Mendes.
daw_20180126_kao_03.tif	Jovens Dâw	Karolin Obert	Marcação de um ponto georreferenciado no caminho para as roças da

	treinando o manejo do GPS		comunidade Waruá (direção sudeste) durante a oficina de GPS, caminho para as roças. Auxiliadora Fernandes.
daw_20180126_kao_04.tif	Jovens Dâw treinando o manejo do GPS	Karolin Obert	Marcação de um ponto georreferenciado durante a oficina de GPS, caminho para as roças. Herlik Sanches da Souza.
daw_20180126_kao_05.tif	Jovem Dâw treinando o manejo do GPS	Karolin Obert	Marcação de um ponto georreferenciado no caminho para as roças da comunidade Waruá (direção sudeste) durante a oficina de GPS, caminho para as roças. Herlik Sanches da Souza.
daw_20180126_kao_06.tif	Jovem Dâw treinando o manejo do GPS	Karolin Obert	Marcação de um ponto georreferenciado no caminho para as roças da comunidade Waruá (direção sudeste) durante a oficina de GPS, caminho para as roças. Valteir Mendes.
daw_20180126_kao_07.tif	Jovem Dâw treinando o manejo do GPS	Karolin Obert	Marcação do ponto georreferenciado do igarapé Peloc durante a oficina de GPS, igarapé Peloc. Auxiliadora Fernandes, Pedro Moraes, Valteir Mendes.
daw_20180126_kao_08.tif	Casa de forno ao longo do caminho durante a oficina de manejo do	Karolin Obert	Casa de forno de beiju, telhado de caranã, roça do Valdemar Sanchez.



Consultor_BrunoRibeiroMarques_Produto03_[22.04.2018]

	GPS		
--	-----	--	--

A.3) Apresentação e discussão das principais dificuldades encontradas durante a consecução das atividades

As dificuldades no tocante aos trabalhos do projeto com a etnia Dâw podem ser classificadas em: 1) dificuldades de ordem logística e de planejamento; 2) problemas de relação dos Dâw com outras etnias; e 3) questão territorial.

Quanto às dificuldades logísticas durante a execução das atividades, foi mencionado no diário que o estabelecimento de uma data para a viagem no rio Curicuriari, decisão fundamental para a condução do trabalho como um todo, foi um grande desafio. Por se tratar do trecho mais longo a ser percorrido, essa definição influía tanto nas demais caminhadas de registro como nos trabalhos subsequentes de pós-produção dos dados. Até a metade de dezembro, os Dâw não haviam feito essa definição, uma vez que a comunidade estava muito ocupada com as atividades de fim do ano, sobretudo aquelas que se referem às atividades escolares. Poucos dias antes do Natal, acabaram por estipular o dia 27 de dezembro de 2017 para a partida. A brevidade de tempo hábil para o ordenamento logístico da viagem acabou por sobrecarregar a pesquisadora na realização das compras dos alimentos e, sobretudo, de combustível.

O atraso dessa viagem, inicialmente planejado para o final de novembro de 2017, com base em conversa com a comunidade ainda em julho do mesmo ano, acarretou problemas sérios na transcrição dos dados obtidos, considerando a data original de retorno da pesquisadora, 23 de janeiro de 2018, a qual teve de ser postergada. Assim, foi encaminhado, junto à Gestão Científica do projeto e à coordenação do Museu do Índio, um pedido de extensão de estadia da pesquisadora. Esse artifício possibilitou a realização das transcrições e traduções das gravações lançando mão do programa ELAN.

Em geral, foi difícil planejar as atividades em colaboração com os Dâw, tendo em vista que o cotidiano da comunidade está sujeito a alterações repentinas. Para mencionar um exemplo, a oficina de manuseio do equipamento GPS foi planejada para o final de novembro, com o objetivo de preparar os pesquisadores indígenas para as caminhadas de registro que seriam realizadas. Mas, sempre nos dias marcados para a realização, sucessivamente remarcados, algum outro afazer se interpunha. O resultado foi descrito no diário: essa oficina acabou por ser realizada apenas ao final dos trabalhos de registro. Por esse motivo, no momento mesmo das caminhadas e da viagem pelo rio Curicuriari, Karolin Obert decidiu ensinar os participantes individualmente ou em grupos pequenos. E a oficina realizada mais tarde na comunidade Waruá teve como público alvo aqueles que não acompanharam diretamente os trabalhos de registro durante as viagens.

Lidar com a não realização das atividades no cronograma planejado gerou certo desconforto para a pesquisadora responsável, tendo receio que as atividades anteriormente planejadas não pudessem ser concretizadas. Dito isso, como se vê no diário acima descrito, a temporalidade dâw acabou por acomodar o planejamento inicial, e os trabalhos, ao fim, tiveram êxito. Essa dificuldade vivida pela pesquisadora diz respeito também ao receio em não impor e interferir demasiadamente na vida cotidiana dos Dâw.

Aspectos da relação dos Dâw com outras etnias que habitam o entorno da comunidade Waruá e o rio Curicuriari, sobretudo no que toca questões territoriais, estão pontuados ao longo do diário acima apresentado, e apontam um contexto complexo, o qual não é possível neste

espaço expor em detalhe, sendo os desdobramentos delicados no que diz respeito ao retorno do resultado dos trabalhos para a comunidade Waruá. Essa questão surgiu, como se percebe na descrição acima, de maneira mais marcante na viagem ao longo do rio Curicuriari, em que os Dâw pediram, no momento mesmo do encontro com indígenas de outras etnias, para a pesquisadora Karolin Obert não mencionar os trabalhos de georreferenciamento e produção de mapas. Pediram também para que não fosse mencionada a palavra “projeto”, considerando a carga semântica que este termo tem na região, praticamente sinônimo de “dinheiro”. Cabe referir que, em nenhum momento da reunião de anuência e das conversas antes da realização da viagem, as lideranças Dâw haviam posto essa restrição à pesquisadora, que se deparou com o apelo no próprio evento da conversa com as comunidades de outras etnias que se distribuem ao longo do rio Curicuriari.

Algumas informações contextuais são necessárias para visualização dos aspectos em jogo. Como o professor Roberto Sanches explicou para Karolin Obert, apesar de os Dâw da comunidade Waruá, considerando sua relação de origem com o lugar chamado *Sit Belém*, fazerem formalmente parte da Associação Indígena Água e Terra - Ahkôiwí, a qual agrega as comunidades do rio Curicuriari, sua participação efetiva é diminuta e, no limite, inexistente. Segundo Roberto, por esse motivo pediram para que, nas conversas com as outras comunidades, não fossem mencionados os trabalhos de mapeamento; especialmente o uso do GPS, uma vez que essa tecnologia de georreferenciamento poderia ser interpretada pelas outras lideranças como se fosse um novo trabalho de demarcação de terras que contemplasse exclusivamente os Dâw. Nessas ocasiões, foi visível a desconfiança dos Dâw em relação às demais comunidades que habitam o rio, as quais estão em fase de elaboração de propostas relativas a atividades turísticas (visita à Serra Bela Adormecida e pesca esportiva). Atividades essas que, ao menos por ora, os Dâw não apoiam, e que, mesmo entre as comunidades da etnia Tukano, têm gerado grande controvérsia. Além disso, Roberto comentou os problemas relativos à habitação de *Sit Belém*, lugar abandonado pelos Dâw, pois as roças que plantavam no local eram constante objeto de roubo por parte de indígenas da comunidade vizinha, bem como os materiais de trabalho que deixavam em suas casas de roça no sítio. Como referido acima, no decorrer da viagem, os Dâw concluíram que somente uma nova ocupação desse lugar, através da construção de um barracão e de uma maior frequência de estadias, poderia favorecer a retomada desse terreno.

Essas questões também implicam dificuldades logísticas no tocante dos trabalhos. A articulação com a FOIRN e a FUNAI foi realizada no começo de novembro pelo pesquisador coordenador do projeto (Bruno Marques) e reforçada semanas depois pela pesquisadora membro (Karolin Obert), sendo a incursão dos Dâw e da pesquisadora devidamente informada para as comunidades do rio Curicuriari com antecedência via radiofonia. Mas, a extensão da representatividade das instituições junto às comunidades não é um caminho sem curvas, sendo as próprias instituições muitas vezes questionadas. Some-se a isso que é inexequível, dentro do tempo e dos recursos disponíveis, a realização de reuniões formais com todas as comunidades do rio Curicuriari, uma vez que essas ocasiões devem contemplar o tempo de cada comunidade (trabalho nas roças e de outras ordens), o que envolve a espera do encerramento dos afazeres cotidianos e a concentração no centro comunitário, além do tempo da reunião em si, que, idealmente, deve contar com alimentação trazida pelos que estão propondo a reunião, isto é, os visitantes.

Dito isso, para que o projeto tenha êxito não apenas na fase das atividades de registro cultural, mas também no retorno dos resultados para a comunidade, é de fundamental importância a articulação com as lideranças da FOIRN e da FUNAI, tanto da Coordenadoria Regional - São Gabriel da Cachoeira como da CGIIRC (Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato). Assim, a devolução do resultado do trabalho para a comunidade Waruá deve, idealmente, contemplar a participação de representantes institucionais cientes da proposta do projeto, de modo que as condições institucionais para a realização dos trabalhos de registro e de suas linhas gerais voltadas para a proteção territorial das terras indígenas como um todo fiquem claras e acordadas da melhor forma possível. Afirmar a institucionalidade dos trabalhos de documentação cultural com os Dâw favorecerá que os resultados do projeto não sejam entendidos pelas demais etnias que habitam o território como algo que, por definição, as exclui; sendo, justamente, uma oportunidade de discutir a respeito dos acordos de uso territorial que estão em processo neste momento de elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental.

B) Relatório de supervisão das atividades dos bolsistas

No projeto não há pesquisadores indígenas formalmente vinculados como bolsistas, portanto as participações dos Dâw nas atividades de registro foram divididas em duas ordens: colabores e consultores indígenas.

Os colaboradores indígenas atuaram principalmente durante as caminhadas e a viagem pelo rio Curicuriari, oportunidades que também serviram para o aprendizado, ainda que incipiente, do uso do equipamento audiovisual (máquina fotográfica, tripé, gravador de som) e de equipamento de GPS. Além disso, seu conhecimento dos caminhos e da navegação na floresta foi indispensável para a realização da documentação prevista no projeto. Participaram ativamente também na fase de transcrição e de tradução das narrativas gravadas (com uso do programa ELAN) no decorrer dos trabalhos de registro. Complementarmente, colaboraram também no armazenamento dos dados obtidos no computador e no HD externo da comunidade, criando as condições para o protagonismo indígena em todas as fases do trabalho com os dados. Tendo isto em vista, espera-se que as atividades realizadas tenham sido um incentivo para a continuação da auto-documentação por parte das comunidades na ausência de pesquisadores externos.

A contribuição dos consultores indígenas (anciãos) foi essencial nos momentos que antecederam os trabalhos de registro e na realização dos mesmos, como pode ser conferido no diário. Neste aspecto, deve-se destacar a participação de seu Jair Araújo, que compartilhou seu conhecimento sobre os afluentes e lugares no rio Curicuriari de maneira muito detalhada e com disposição notável. Roberto Sanches e Brasilino Mendes, que acompanharam todas as viagens, foram figuras centrais para as explicações das práticas de caça, da construção de acampamentos e da navegação na floresta. Isso enriqueceu a documentação, pois possibilitou a visualização da multiplicidade de aspectos que compõem os caminhos tradicionais dos Dâw.

Tanto da parte de colaboradores como de consultores indígenas eram perceptíveis o interesse e a disposição em narrar o passado dos Dâw relacionados aos lugares pelos quais a equipe transitou, projetando no horizonte a transmissão do conhecimento registrado para os mais jovens da comunidade Waruá, que crescem em um contexto em que as caminhadas na floresta são cada vez mais raras. Os participantes da equipe estavam sempre sugerindo novas rotas e lugares de interesse à medida que os caminhos eram percorridos.

Por outro lado, é importante mencionar um relativo desinteresse de alguns colaboradores no aprendizado do uso de equipamento audiovisual e de GPS, sobretudo diante das complexidades técnicas tendo em vista a pouca intimidade dos Dâw com estas ferramentas. Um possível motivo para esse desinteresse foi a realização de uma única oficina em bloco, em que muitas informações foram repassadas de uma vez. Uma próxima oficina deveria ser planejada para durar mais tempo, com a exposição de conteúdos sendo distribuída em mais dias.

No cômputo geral dos trabalhos, vale mencionar que foi possível capacitar alguns colaboradores indígenas no manejo básico de câmera filmadora, gravador de som e equipamento GPS, bem como na importação de dados no computador e no HD externo. Do ponto de vista do trabalho com a língua Dâw, foi também possível aprofundar os conhecimentos no uso do programa ELAN para a transcrição e tradução por parte dos indígenas. O trabalho de transcrição e tradução é central para a preservação e a reflexão sobre a própria língua.

Portanto, a avaliação do envolvimento dos colaboradores e consultores indígenas no projeto é positiva. Desde a reunião de anuência, foi evidente o interesse dos Dâw na proposta do projeto e na constituição de um acervo museológico para a retomada do conhecimento dos caminhos, lugares e histórias dos antigos. Neste sentido, é importante destacar novamente o ato de retomada de Sit Belém, organizado por eles mesmos após a partida da pesquisadora Karolin Obert. Segundo o professor Roberto Sanches, as atividades desse projeto provocaram nos Dâw uma reflexão relativa à questões ligadas ao território e à memória da vida dos antigos, instrumentalizando-os para que realizassem atividades de seu interesse, como a referida retomada territorial. Provavelmente este tenha sido o principal resultado dos trabalhos que tinham como objetivo justamente criar condições para a salvaguarda de conhecimentos tradicionais e para a proteção territorial. Trata-se de uma retomada de uma relação com o território, por meio de um contexto de oficina. O resultado mais importante alcançado é a reconstituição de um processo de conhecimento como habitação.

C) Nota de divulgação do trabalho desenvolvido, de forma resumida, para veiculação interna em meios digitais e boletins do Programa de Documentação

O projeto “Caminhos dos Hupd’äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos” tem como objetivo geral realizar o registro cultural e criar as condições para processos de salvaguarda dos “modos de fazer caminhos”, “lugares sagrados” e “sítios antigos” dos povos Hupd’äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb (família linguística Nadëhup, localizados no Médio e Alto Rio Negro, AM, Brasil), através do mapeamento, do registro em imagem e em texto das caminhadas, e de gravações audiovisuais e sonoras das narrativas orais, do discurso xamânico e da memória social associados aos caminhos e aos lugares de importância para esses povos. Pretende-se a constituição de acervos documentais e a produção de uma base de dados georreferenciados em interface com dados de ordem visual, sonora e textual, compondo itens de divulgação e publicações a serem incorporados como material-didático pelas comunidades parceiras, contemplando ações de salvaguarda cultural e de proteção territorial em benefício dos povos indígenas do Médio e Alto Rio Negro.

Até o momento, foram contempladas as comunidades Waguiá, São Fernando e Cabeça da Onça (etnia Hupd’äh, região do alto rio Papuri, total de 282 pessoas, Terra Indígena Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas), a comunidade Waruá (etnia Dâw, 126 pessoas, Terra Indígena Médio Rio Negro I, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas) e a comunidade do Roçado (etnia Nadëb, 163 pessoas, Terra Indígena Uneiuxi, município de Santa Isabel do Rio Negro). Para tanto, foram realizadas três reuniões de anuência com essas comunidades parceiras. As atividades de formação de colaboradores indígenas envolveram três oficinas de etnomapeamento, voltadas para o desenho de mapas das terras tradicionalmente habitadas pelas comunidades, agregando os conhecimentos dos anciãos sobre os caminhos tradicionais e de jovens em idade escolar, e o manuseio de equipamentos de georreferenciamento.

Na região do alto rio Papuri, os trabalhos de registros se concentraram no caminho tradicional que liga as comunidades Hupd’äh desta região com o alto rio Tiquié, percorrendo o interflúvio tradicionalmente habitado por este povo. Com os Dâw da comunidade Waruá, os caminhos registrados reconstituíram a memória dos lugares em que viveram ao longo do século XX, sobretudo no tempo em que este povo estava vinculado ao trabalho no ciclo de exploração da piaçava, em que o curso do rio Curicuriari ganha especial relevância. Quanto à etnia Nadëb, as atividades de registro foram voltadas para o mapeamento dos lugares ao longo do rio Uneiuxi e de alguns de seus afluentes, bem como da rota tradicional que conecta este rio ao Japurá, lugar de referência de outras comunidades da mesma etnia.

Refletindo o que há de comum e diverso entre esses povos na multiplicidade de aspectos que compõem seus caminhos (manejo ambiental, história, xamanismo, relações de parentesco,

ritual etc.) os itens de registro coletados e documentados contemplam uma série de fotos das caminhadas, viagens pelos rios e igarapés, do cotidiano das comunidades e de rituais, além de gravações sonoras e em vídeo de narrativas sobre a vida dos antigos, de fórmulas xamânicas para caminhar na floresta, mitos sobre lugares, cantos, discursos rituais, danças e toques de flauta cariçu. De modo a interligar os registros de ordens diversas, os trajetos foram georreferenciados, tendo em vista a constituição da base de dados espaciais e a elaboração de mapas a serem entregues para as comunidades parceiras. Os trabalhos de qualificação dos arquivos que irão compor o acervo museológico desses povos estão em andamento, sendo que, até o momento, foram encaminhados 15 arquivos de áudio, 14 arquivos de vídeo e 118 fotografias.